MACHADO DE ASSIS

TEATRO II:

DESENCANTOS

O PROTOCOLO

QUASE MINISTRO

TU, SÓ TU, PURO AMOR

Freeditorial

ESENCANTOS

Fantasia Dramática

A

Quintino Bocaiúva

INTERLOCUTORES

Clara de Souza

Luiz de Melo

Pedro Alves

PRIMEIRA PARTE

EM PETRÓPOLIS

Um jardim, terraço no fundo

CENA I

Clara, Luiz de Melo

CLARA - Custa a crer o que me diz. Pois deveras saiu aborrecido do baile?

LUIZ - É verdade.

CLARA - Dizem entretanto que esteve animado...

LUIZ - Esplêndido!

CLARA - Esplêndido, sim!

LUIZ - Maravilhoso.

CLARA - Essa é, pelo menos, a opinião geral. Se eu lá fosse, estou certa de que seria a minha.

LUIZ - Pois eu lá fui e não é essa a minha opinião.

CLARA - É difícil de contentar nesse caso.

LUIZ - Oh! não.

CLARA - Então as suas palavras são um verdadeiro enigma.

LUIZ - Enigma de fácil decifração.

CLARA - Nem tanto.

LUIZ - Quando se dá preferência a uma flor, à violeta, por exemplo, todo o jardim onde ela não apareça, embora esplendido, é sempre incompleto.

CLARA - Faltava então uma violeta nesse jardim.

LUIZ - Faltava. Compreende agora?

CLARA - Um pouco.

LUIZ - Ainda bem!

CLARA - Venha sentar-se neste banco de relva, à sombra desta árvore copada. Nada lhe falta para compor um idílio, já que é dado a esse gênero de poesia. Tinha então muito interesse em ver lá essa flor?

LUIZ - Tinha. Com a mão na consciência, falo-lhe a verdade; essa flor não e uma predileção do espírito, é uma escolha do coração.

CLARA - Vejo que se trata de uma paixão. Agora compreendo a razão por que não lhe agradou o baile, e o que era enigma, para a ser a coisa mais natural do mundo. Está absolvido do seu delito.

LUIZ - Bem vê que tenho circunstâncias atenuantes a meu favor.

CLARA - Então o senhor ama?

LUIZ - Loucamente, e como se pode amar aos vinte e dois anos, com todo o ardor de um coração cheio de vida. Na minha idade o amor é uma preocupação exclusiva que se apodera do coração e da cabeça. Experimentar outro sentimento, que não seja esse, pensar em outra coisa, que não seja o objeto escolhido pelo coração, é impossível. Desculpe se lhe falo assim...

CLARA - Pode continuar. Fala com um entusiasmo tal, que me faz parecer estar ouvindo algumas das estrofes do nosso apaixonado Gonzaga.

LUIZ - O entusiasmo do amor é por ventura o mais vivo e ardente.

CLARA - E por isso o menos duradouro. E como a palha que se inflama com intensidade, mas que se apaga logo depois.

LUIZ - Não aceito a comparação. Pois Deus havia de inspirar ao homem esse sentimento, tão suscetível de morrer assim? Demais, a prática mostra o contrário.

CLARA - Já sei. Vem falar-me de Heloisa e Abeillard, Pyramo e Tysbe, e quanto exemplo a história e a fábula nos dão. Esses não provam. Mesmo porque são exemplos raros, é que a história os aponta. Fogo de palha, fogo de palha e nada mais.

LUIZ - Pesa-me que de seus lábios saiam essas palavras.

CLARA - Por que?

LUIZ - Porque eu não posso admitir a mulher sem os grandes entusiasmos do coração. Chamou-me há pouco de poeta; com efeito eu assemelho-me por esse lado aos filhos queridos das musas. Esses imaginam a mulher um ente intermediário que separa os homens dos anjos e querem-na participante das boas qualidades de uns e de outros. Dir-me-á que se eu fosse agiota não pensaria assim; eu responderei que não são os agiotas os que têm razão neste mundo.

CLARA - Isso é que é ver as coisas através de um vidro de cor. Diga-me: sente deveras o que diz a respeito do amor, ou está fazendo uma profissão de fé de homem político?

LUIZ - Penso e sinto assim.

CLARA - Dentro de pouco tempo verá que tenho razão.

LUIZ - Razão de que?

CLARA - Razão de chamar fogo de palha ao fogo que lhe devora o coração.

LUIZ - Espero em Deus que não.

CLARA - Creio que sim.

LUIZ - Falou-me há pouco em fazer um idílio, e eu estou com desejos de compor uma ode sáfica.

CLARA - A que respeito?

LUIZ - Respeito à crueldade das violetas.

CLARA - E depois ia atirar-se à torrente do Itamarati? Ah! como anda atrasado do seu século!

LUIZ - Ou adiantado...

CLARA - Adiantado, não creio. Voltaremos nós à simplicidade antiga?

LUIZ - Oh! tinha razão aquela pobre poetiza de Lesbos em atirar-se às ondas. Encontrou na morte o esquecimento das suas dores íntimas. De que lhe servia viver amando sem esperança?

CLARA - Dou-lhe de conselho que perca esse entusiasmo pela antiguidade. A poetiza de Lesbos quis figurar na história com uma face melancólica; atirou-se de Leucate. Foi cálculo e não virtude.

LUIZ - Está pecando, minha senhora.

CLARA - Por blasfemar do seu ídolo?

LUIZ - Por blasfemar de si. Uma mulher nas condições da décima musa nunca obra por cálculo. E V. Excia., por mais que queira, deve estar nas mesmas condições de sensibilidade, que a poetiza antiga, bem como esta nas de beleza.

CENA II

Luis de Mello, Clara, Pedro Alves

PEDRO ALVES - Boa tarde, minha interessante vizinha. Sr. Luiz de Mello!

CLARA - Faltava o primeiro folgazão de Petrópolis, a flor da emigração!

PEDRO ALVES - Nem tanto assim.

CLARA - Estou encantada por ver assim a meu lado os meus dois vizinhos, o da direita e o da esquerda.

PEDRO ALVES - Estavam conversando? Era segredo?

CLARA - Oh! não. O Sr. Luiz de Mello fazia-me um curso de história depois de ter feito outro de botânica. Mostrava-me a sua estima pela violeta e pela Safo.

PEDRO ALVES - E que dizia a respeito de uma e de outra?

CLARA - Erguia-as às nuvens. Dizia que não considerava jardim sem violeta, e quanto ao salto de Leucate, batia palmas com verdadeiro entusiasmo.

PEDRO ALVES - E ocupava V. Excia. com essas coisas? Duas questões banais. Uma não tem valor moral, outra não tem valor atual.

LUIZ - Perdão, o Sr. chegava quando eu ia concluir o meu curso botânico e histórico. Ia dizer que também detesto as parasitas de todo o gênero, e que tenho asco aos histriões de Atenas. Terão estas duas questões valor moral e atual?

PEDRO ALVES *(enfado)* - Confesso que não compreendo.

CLARA - Diga-me, Sr. Pedro Alves: foi à partida de ontem à noite?

PEDRO ALVES - Fui, minha senhora.

CLARA - Divertiu~se?

PEDRO ALVES - Muito. Dancei e joguei a fartar, e quanto a doces, não enfardei mal o estômago. Foi uma deslumbrante função. Ah! notei que não estava lá.

CLARA - Uma maldita enxaqueca reteve-me em casa.

PEDRO ALVES - Maldita enxaqueca!

CLARA - Consola-me a idéia de que não fiz falta.

PEDRO ALVES - Como? não fez falta?

CLARA - Cuido que todos seguiram o seu exemplo e que dançaram e jogaram a fartar, não enfardando mal o estômago, quanto a doces.

PEDRO ALVES - Deu um sentido demasiado literal às minhas palavras.

CLARA - Pois não foi isso que me disse?

PEDRO ALVES - Mas eu queria dizer outra coisa.

CLARA - Ah! isso é outro caso. Entretanto acho que é dado a qualquer divertir-se ou não num baile, e por conseqüência dizê-lo.

PEDRO ALVES - A qualquer, D. Clara!

CLARA - Aqui está o nosso vizinho que acaba de me dizer que se aborreceu no baile...

PEDRO ALVES *(consigo)* - Ah! *(alto)* De fato, eu o vi entrar e sair pouco depois com ar assustadiço e penalizado.

LUIZ - Tinha de ir tomar chá em casa de um amigo e não podia faltar.

PEDRO ALVES - Ah! foi tomar chá. Entretanto correram certos boatos depois que o senhor saiu.

LUIZ - Boatos?

PEDRO ALVES - É verdade. Houve quem se lembrasse de dizer que o senhor saíra logo por não ter encontrado da parte de uma dama que lá estava o acolhimento que esperava.

CLARA *(olhando para Luiz)* - Ah!

LUIZ - Oh! isso é completamente falso. Os maldizentes estão por toda parte, mesmo nos bailes; e desta vez não houve tino na escolha dos convidados.

PEDRO ALVES - Também é verdade. *(Baixo à Clara).* Recebeu o meu bilhete?

CLARA *(depois de um olhar).* - Como é bonito o pôr do sol! Vejam que magnífico espetáculo!

LUIZ - É realmente encantador.

PEDRO ALVES - Não é feio; tem mesmo alguma coisa de grandioso. *(Vão ao terraço).*

LUIZ - Que colorido e que luz!

CLARA - Acho que os poetas têm razão celebrarem esta hora final do dia!

LUIZ - Minha senhora, os poetas têm sempre razão. E quem não se extasiará diante deste quadro?

CLARA - Ah!

LUIZ e PEDRO ALVES - O que é?

CLARA - É o meu leque que caiu! Vou mandar apanhá-lo.

PEDRO ALVES - Como apanhar? Vou eu mesmo.

CLARA - Ora, tinha que ver! Vamos para a sala e eu mandarei buscá-lo.

PEDRO ALVES - Menos isso. Deixe-me a glória de trazer-lhe o leque.

LUIZ - Se consente, eu faço concorrência ao desejo do Sr. Pedro Alves...

CLARA - Mas então apostaram-se?

LUIZ - Mas se isso é um desejo de nós ambos. Decida.

PEDRO ALVES - Então o senhor quer ir?

LUIZ *(a Pedro Alves)* - Não vê que espero a decisão?

PEDRO ALVES - Mas a idéia é minha. Entretanto, Deus me livre de dar-lhe motivo de queixa, pode ir.

LUIZ - Não espero mais nada.

CENA III

Pedro Alves, Clara

PEDRO ALVES - Este nosso vizinho tem uns ares de superior que me desagradam. Pensa que não compreendi a alusão da parasita e dos histriões? O que não me fazia conta era desrespeitar a presença de V. Excia., mas não faltam ocasiões para castigar um insolente.

CLARA - Não lhe acho razão para falar assim. O Sr. Luiz de Melo é um moço de maneiras delicadas e está longe de ofender a quem quer que seja, muito menos a uma pessoa que eu considero...

PEDRO ALVES - Acha?

CLARA - Acho sim.

PEDRO ALVES - Pois eu não. São modos de ver. Tal seja o ponto de vista em que V. Excia. se coloca... Cá o meu olhar apanha-o em cheio e diz-me que ele merece bem uma lição.

CLARA - Que espírito belicoso é esse?

PEDRO ALVES - Este espírito belicoso o ciúme. Eu sinto ter por concorrente a este vizinho que se antecipa a visitá-la, e a quem V. Excia. dá tanta atenção.

CLARA - Ciúme!

PEDRO ALVES - Ciúme, sim. O que me respondeu V. Excia. à pergunta que lhe fiz sobre o meu bilhete? Nada, absolutamente nada. Talvez nem o lesse; entretanto eu pintava-lhe nele o estado do meu coração, mostrava-lhe os sentimentos que me agitam, fazia-lhe uma autópsia, era uma autópsia, que eu lhe fazia de meu coração. Pobre coração! Tão mal pago dos seus extremos, e entretanto tão pertinaz em amar!

CLARA - Parece-me bem apaixonado. Devo considerar-me feliz por ter perturbado a quietação do seu espírito. Mas a sinceridade nem sempre é companheira da paixão.

PEDRO ALVES - Raro se aluam, é verdade, mas desta vez não é assim. A paixão que eu sinto é sincera, e pesa-me que meus avós não tivessem uma espada para eu sobre ela jurar...

CLARA - Isso é mais uma arma de galantaria que um testemunho de verdade. Deixe antes que o tempo ponha em relevo os seus sentimentos.

PEDRO ALVES - O tempo! Há tanto que me diz isso! Entretanto continua o vulcão em meu peito e só pode ser apagado pelo orvalho do seu amor.

CLARA - Estamos em pleno outeiro. às suas palavras parecem um mote glosado em prosa. Ah! a sinceridade não está nessas frases gastas e ocas.

PEDRO ALVES - O meu bilhete, entretanto, é concebido em frases bem tocantes e simples.

CLARA - Com franqueza, eu não li o seu bilhete.

PEDRO ALVES - Deveras?

CLARA - Deveras.

PEDRO ALVES *(tomando o chapéu)* - Com licença.

CLARA - Onde vai? Não compreende que quando digo que não li o seu bilhete é porque quero ouvir da sua própria boca as palavras que nele se continham?

PEDRO ALVES - Como? Será por isso?

CLARA - Não acredita?

PEDRO ALVES - É capricho de moça bonita e nada mais. Capricho sem exemplo.

CLARA - Dizia-me então?...

PEDRO ALVES - Dizia-lhe que, com o espírito vacilante como baixei prestes a soçobrar, eu lhe escrevia à luz do relâmpago que me fuzila n'alma aclarando as trevas que uma desgraçada paixão ai me deixa. Pedia-lhe a luz dos seus olhos sedutores para servir de guia na vida e poder encontrar sem perigo o porto de salvamento. Tal é no seu espírito a segunda edição de minha carta. As cores que nela empreguei são a fiel tradução do que senti e sinto. Está pensativa?

CLARA - Penso em que, se me fala verdade, a sua paixão é rara e nova para estes tempos.

PEDRO ALVES - Rara e muito rara; pensa que eu sou lá desses que procuram vencer pelas palavras melífluas e falsas. Sou rude, mas sincero.

CLARA - Apelemos para o tempo.

PEDRO ALVES - É um juiz tardio. Quando a sua sentença chegar, eu estarei no túmulo e será tarde.

CLARA - Vem agora com idéias fúnebres!

PEDRO ALVES - Eu não apelo para o tempo. O meu juiz está em face de mim, e eu quero já beijar antecipadamente a mão que há de lavrar a minha sentença de absolvição. *(Quer beijar-lhe a mão. Clara sai).* Ouça! Ouça!

CENA IV

Luiz de Mello, Pedro Alves

PEDRO ALVES *(só)* - Fugiu! Não tarda ceder. Ah! o meu adversário!

LUIZ - D. Clara?

PEDRO ALVES - Foi para a outra parte do jardim.

LUIZ - Bom *(vai sair).*

PEDRO ALVES - Disse-me que o fizesse esperar; eu estimo bem estarmos a sós porque tenho de lhe dizer algumas palavras.

LUIZ - Às suas ordens. Posso ser-lhe útil?

PEDRO ALVES - Útil a mim e a si. Eu gosto das situações claras e definidas. Quero poder dirigir a salvo e seguro o meu ataque. Se lhe falo deste modo é porque, simpatizando com as suas maneiras, desejo não trair a uma pessoa a quem me ligo por um vínculo secreto. Vamos ao caso: é preciso que me diga quais as suas intenções, qual o seu plano de guerra; assim, cada um pode atacar por seu lado a praça, e o triunfo será do que melhor tiver empregado os seus tiros.

LUIZ - A que vem essa belicosa parábola?

PEDRO ALVES - Não compreende ?

LUIZ - Tenha a bondade de ser mais claro.

PEDRO ALVES - Mais claro ainda? Pois serei claríssimo: a viúva do coronel é uma praça sitiada.

LUIZ - Por quem?

PEDRO ALVES - Por mim, confesso. E afirmo que por nós ambos.

LUIZ - Informaram-no mal. Eu não faço a corte à viúva do coronel.

PEDRO ALVES - Creio em tudo quanto quiser, menos nisso.

LUIZ - A sua simpatia por mim vai até desmentir as minhas asserções?

PEDRO ALVES - Isso não é discutir. Deveras, não faz a corte à nossa interessante vizinha?

LUIZ - Não, as minhas atenções para com ela não passam de uma retribuição a que, como homem delicado, não me poderia furtar.

PEDRO ALVES - Pois eu faço.

LUIZ - Seja-lhe para bem! Mas a que vem isso?

PEDRO ALVES - A coisa alguma. Desde que me afiança não ter a menor intenção oculta nas suas atenções, a explicação está dada. Quanto a mim, faço-lhe a corte e digo-o bem alto. Apresento-me candidato ao seu coração e para isso mostro títulos valiosos. Dirão que sou presumido; podem dizer o que quiser.

LUIZ - Desculpe a curiosidade: quais são esses títulos?

PEDRO ALVES - A posição que a fortuna me dá, um físico que pode-se chamar belo, uma coragem capaz de afrontar todos os muros e grades possíveis e imagináveis, e para coroar a obra uma discrição de pedreiro-livre.

LUIZ - Só?

PEDRO ALVES - Acha pouco?

LUIZ - Acho.

PEDRO ALVES - Não compreendo que haja precisão de mais títulos além destes.

LUIZ - Pois há. Essa posição, esse físico, essa coragem e essa discrição, são certo apreciáveis, mas duvido que tenha valor diante de uma mulher de espírito.

PEDRO ALVES - Se a mulher de espírito for da sua opinião.

LUIZ - Sem dúvida alguma que há de ser.

PEDRO ALVES - Mas continue, quero ouvir o fim de seu discurso.

LUIZ - Onde fica no seu plano de guerra, já que aprecia este gênero de figura, onde fica, digo eu, o amor verdadeiro, a dedicação sincera, o respeito, filho de ambos, e que essa D. Clara sitiada deve inspirar?'

PEDRO ALVES - A corda em que acaba de tocar está desafinada há muito tempo e não dá som. O amor, o respeito, e a dedicação! Se o não conhecesse, diria que o senhor acaba de chegar do outro mundo.

LUIZ - Com efeito, pertenço a um mundo que não é absolutamente o seu. Não vê que tenho um ar de quem não está em terra própria e fala com uma variedade da espécie?

PEDRO ALVES - Já sei; pertence à esfera dos sonhadores e dos visionários. Conheço boa soma de seus semelhantes que me tem dado bem boas horas de riso e de satisfação. É uma tribo que se não acaba, pelo que vejo?

LUIZ - Ao que parece, não?

PEDRO ALVES - Mas é evidente que perecerá.

LUIZ - Não sei. Se eu quisesse concorrer ao bloqueio da praça em questão, era azada ocasião para julgar do esforço recíproco e

vermos até que ponto a ascendência do elemento positivo exclui a influência do elemento ideal.

PEDRO ALVES - Pois experimente.

LUIZ - Não; disse-lhe já que respeito muito a viúva do coronel e estou longe de sentir por ela a paixão do amor.

PEDRO ALVES - Tanto melhor. Sempre é bom não ter pretendentes para combater. Ficamos amigos, não?

LUIZ - De certo.

PEDRO ALVES - Se eu vencer, o que dirá?

LUIZ - Direi que há certos casos em que com toda a satisfação se pode ser padrasto e direi que esse é o seu caso.

PEDRO ALVES - Oh! se a Clarinha não tiver outro padrasto se não eu...

CENA V

Pedro Alves, Luiz, D. Clara

CLARA - Estimo bem vê-los juntos.

PEDRO ALVES - Discutíamos.

LUIZ - Aqui tem o seu leque; está intacto.

CLARA - Meu Deus, que trabalho que foi tomar. Agradeço-lhe do íntimo. É uma prenda que tenho em grande conta; foi-me dado por minha irmã Matilde, em dia de anos meus. Mas tenha cuidado; não aumente tanto a lista das minhas obrigações; a dívida pode engrossar e eu não terei por fim com que solvê-la.

LUIZ - De que dívida me fala? A dívida aqui é minha, dívida perene, que eu mal amortizo por uma gratidão sem limite. Posso eu pagá-la nunca?

CLARA - Pagar o quê?

LUIZ - Pagar estas horas de felicidade calma que a sua graciosa urbanidade me dá e que constituem os meus fios de ouro no tecido da vida.

PEDRO ALVES - Reclamo a minha parte nessa ventura.

CLARA - Meu Deus, declaram-se em justa? Não vejo senão quebrarem lanças em meu favor. Cavalheiros, ânimo, a liça está aberta, e a castelã espera o reclamo do vencedor.

LUIZ - Oh! a castelã pode quebrar o encanto do vencedor desamparando a galeria e deixando-o só com as feridas abertas no combate.

CLARA - Tão pouca fé o anima?

LUIZ - Não é a fé das pessoas que me falta, mas a fé da fortuna. Fui sempre tão mal aventurado que nem tento acreditar por momento na boa sorte.

CLARA - Isso não é natural num cavalheiro cristão.

LUIZ - O cavalheiro cristão está prestes a mourar.

CLARA - Oh!

LUIZ - O sol do oriente aquece os corações, ao passo que o de Petrópolis esfria-os.

CLARA - Estude antes o fenômeno e não vá sacrificar a sua consciência. Mas, na realidade, tem sempre encontrado a derrota nas suas pelejas?

LUIZ - A derrota foi sempre a sorte das minhas armas. Será que elas sejam mal temperadas? será que eu não as maneje bem? Não sei.

PEDRO ALVES - É talvez uma e outra coisa.

LUIZ - Também pode ser.

CLARA - Duvido.

PEDRO ALVES - Duvida?

CLARA - E sabe quais são as vantagens seus vencedores?

LUIZ - Demais até.

CLARA - Procure alcançá-las.

LUIZ - Menos isso. Quando dois adversários se medem, as mais das vezes o vencedor é sempre aquele, que à elevada qualidade de tolo reúne uma sofrível dose de presunção. A esse as palmas da vitória, a esse a boa fortuna da guerra: quer que o imite?

CLARA - Disse - as mais das vezes -confessa, pois, que há exceções.

LUIZ - Fora absurdo negá-las, mas declaro que nunca as encontrei.

CLARA - Não deve desesperar, porque a fortuna aparece quando menos se conta com ela.

LUIZ - Mas aparece às vezes tarde. Chega quando a porta está cerrada e tudo que nos cerca é silencioso e triste; Então a peregrina demorada entra como uma amiga consoladora, mas sem os entusiasmos ao coração.

CLARA - Sabe o que o perde! É a fantasia.

LUIZ - A fantasia?

CLARA - Não lhe disse a pouco que o senhor via as coisas através de um vidro de cor! É o óculo da fantasia, óculo brilhante, mas mentiroso, que transtorna o aspecto do panorama social, e que faz vê-lo pior do que é, para dar-lhe um remédio melhor do que pode ser.

PEDRO ALVES - Bravo! Deixe-me V. Excia. beijar-lhe a mão.

CLARA - Por que!

PEDRO ALVES - Pela lição que acaba de dar ao Sr. Luiz de Mello.

CLARA - Ah! por que o acusei de visionário! O nosso vizinho carece de quem lhe fale assim. Perder-se-á se continuar a viver no mundo abstrato das suas teorias platônicas.

PEDRO ALVES - Ou por outra, e mais positivamente, V. Excia. mostrou-lhe que acabou o reinado das baladas e da pasmaceira, para dar lugar ao império dos homens de juízo e dos espíritos sólidos.

LUIZ - V. Excia. toma então o partido que me é adverso!

CLARA - Eu não tomo partido nenhum.

LUIZ - Entretanto, abriu brecha aos assaltos do Sr. Pedro Alves, que se compraz em mostrar-se espírito sólido e homem de juízo.

PEDRO ALVES - E de muito juízo. Pensa que eu adoto o seu sistema de fantasia, e por assim dizer, de choradeira? Nada. o meu sistema é absolutamente oposto; emprego os meios bruscos por serem os que estão de acordo com o verdadeiro sentimento. Os da minha têmpera são assim.

LUIZ - E o caso é que são felizes.

PEDRO ALVES - Muito felizes. Temos boas armas e manejamo-las bem. Chame a isso toleima e presunção, pouco nos importa; é preciso que os vencidos tenham um desafogo.

CLARA *(a Luiz de Melo)* - O que diz a isto?

LUIZ - Digo que estou muito fora do meu século. O que fazer contra adversários que se contam em grande número, número infinito, a admitir a versão dos livros santos?

CLARA - Mas, realmente, não vejo que pudesse responder com vantagem.

LUIZ - E V. Excia. sanciona a teoria contrária?

CLARA - A castelã não sanciona, anima os lidadores.

LUIZ - Animação negativa para mim. V. Excia. dá-me licença?

CLARA - Onde vai?

LUIZ - Tenho uma pessoa que me espera em casa. V. Excia. janta às seis, o meu relógio marca cinco. Dá-me este primeiro quarto de hora?

CLARA - Com pesar, mas não quero tolhê-lo. Não falte.

LUIZ - Volto já.

CENA VI

Clara, Pedro Alves

PEDRO ALVES - Estou contentíssimo.

CLARA - Por que?

PEDRO ALVES - Porque lhe demos uma lição.

CLARA - Ora, não seja mau!

PEDRO ALVES - Mau! Eu sou bom até demais. Não vê como ele me provoca a cada instante?

CLARA - Mas, quer que lhe diga uma coisa? É preciso acabar com essas provocações contínuas.

PEDRO ALVES - Pela minha parte, nada há; sabe que sou sempre procurado na minha gruta. Ora, não se toca impunemente no leão...

CLARA - Pois seja leão até à última, seja magnânimo.

PEDRO ALVES - Leão apaixonado e magnânimo? Se fosse por mim só, não duvidaria perdoar. Mas diante de V. Excia., por quem tenho presa a alma, é virtude superior às minhas forças. E, entretanto, V. Excia. obstina-se em achar-lhe razão.

CLARA - Nem sempre.

PEDRO ALVES - Mas vejamos, não é exigência minha, mas eu desejo, imploro uma decisão definitiva da minha sorte. Quando se ama como eu amo, todo o paliativo é uma tortura que se não pode sofrer!

CLARA - Com que fogo se exprime! Que ardor, que entusiasmo!

PEDRO ALVES - É sempre assim. Zombeteira!

CLARA - Mas o que quer então?

PEDRO ALVES - Franqueza.

CLARA - Mesmo contra os seus interesses?

PEDRO ALVES - Mesmo... contra tudo.

CLARA - Reflita: prefere à dubiedade da situação, uma declaração franca que lhe vá destruir as suas mais queridas ilusões?

PEDRO ALVES - Prefiro isso a não saber se sou amado ou não.

CLARA - Admiro a sua força d'alma.

PEDRO ALVES - Eu sou o primeiro a admirar-me.

CLARA - Desesperou alguma vez da sorte?

PEDRO ALVES - Nunca.

CLARA - Pois continue a confiar nela.

PEDRO ALVES - Até quando?

CLARA - Até um dia.

PEDRO ALVES - Que nunca há de chegar.

CLARA - Que está... muito breve.

PEDRO ALVES - Oh! meu Deus!

CLARA - Admirou-se?

PEDRO ALVES - Assusto-me com a idéia da felicidade. Deixe-me beijar a sua mão?

CLARA - A minha mão vale bem dois meses de espera e receio; não vale?

PEDRO ALVES *(enfiando)* - Vale.

CLARA *(sem reparar)* - Pode beijá-la! É o penhor dos esponsais.

PEDRO ALVES *(consigo)* - Fui longe demais! *(Alto, beijando a mão de Clara).* Este é o mais belo dia de minha vida!

CENA VII

Clara, Pedro Alves, Luiz

LUIZ *(entrando)* - Ah!...

PEDRO ALVES - Chegou a propósito.

CLARA - Dou-lhe parte do meu casamento com o Sr. Pedro Alves.

PEDRO ALVES - O mais breve possível.

LUIZ - Os meus parabéns a ambos.

CLARA - A resolução foi um pouco súbita, mas nem por isso deixa de ser refletida.

LUIZ - Súbita, de certo, porque eu não contava com uma semelhante declaração neste momento. Quando são os desposórios?

CLARA - Pelos fins do verão, não, meu amigo?

PEDRO ALVES *(com importância)* - Sim, pelos fins do verão.

CLARA - Faz-nos a honra de ser uma das testemunhas?

PEDRO ALVES - Oh! isso é demais.

LUIZ - Desculpe-me, mas eu não posso. Vou fazer uma viagem.

CLARA - Até onde?

LUIZ - Pretendo abjurar em qualquer cidade mourisca e fazer depois a peregrinação da Meca. Preenchido este dever de um bom maometano, irei entre as tribos do deserto procurar a exceção que não encontrei ainda no nosso clima cristão.

CLARA - Tão longe, meu Deus! Parece-me que trabalhará debalde.

LUIZ - Vou tentar.

PEDRO ALVES - Mas tenta um sacrifício.

LUIZ - Não faz mal.

PEDRO ALVES (a *Clara, baixo)* - Está doido!

CLARA - Mas virá despedir-se de nós?

LUIZ - Sem dúvida. *(Baixo a Pedro Alves)* Curvo-me ao vencedor, mas consola-me a idéia de que, contra as suas previsões, paga as despesas da guerra. *(Alto) V.* Excia. dá-me licença.

CLARA - Onde vai?

LUIZ - Retiro-me para casa.

CLARA - Não fica para jantar?

LUIZ - Vou aprontar a minha bagagem.

CLARA - Leva a lembrança dos amigos no fundo das malas, não?

LUIZ - Sim, minha senhora, ao lado de alguns volumes de Alfonse Karr.

SEGUNDA PARTE

NA CORTE

Uma sala em casa de Pedro Alves

CENA I

Clara, Pedro Alves

PEDRO ALVES - Ora, não convém por modo algum que a mulher de um deputado ministerialista vá à partida de um membro da oposição. Em rigor, nada há de admirar nisso. Mas o que não dirá a imprensa governista! O que não dirão os meus colegas da maioria! Está lendo?

CLARA - Estou folheando este álbum.

PEDRO ALVES - Nesse caso, repito-lhe que não convém...

CLARA - Não precisa, ouvi tudo.

PEDRO ALVES *(levantando-se)* - Pois aí está; fique com a minha opinião.

CLARA - Prefiro a minha.

PEDRO ALVES - Prefere...

CLARA - Prefiro ir à partida do membro da oposição.

PEDRO ALVES - Isso não é possível. Oponho-me com todas as forças.

CLARA - Ora, veja o que é o hábito do parlamento! Opõe-se a mim, como se eu fosse um adversário político. Veja que não está na câmara, e que eu sou mulher.

PEDRO ALVES - Mesmo por isso. Deve compreender os meus interesses e não querer que seja alvo dos tiros dos maldizentes. Já não lhe falo nos direitos que me estão confiados como marido...

CLARA - Se é tão aborrecido na câmara como é cá em casa, tenho pena do ministério e da maioria.

PEDRO ALVES - Clara!

CLARA - De que direitos me fala? Concedo-lhe todos quantos queira, menos o de me aborrecer; e privar-me de ir a esta partida, é aborrecer-me.

PEDRO ALVES - Falemos como amigos. Dizendo que desistas do teu intento, tenho dois motivos: um político e outro conjugal. Já te falei do primeiro.

CLARA - Vamos ao segundo.

PEDRO ALVES - O segundo é este. As nossas primeiras vinte e quatro horas de casamento, passaram para mim rápidas como um relâmpago. Sabes por que? Por que a nossa lua de mel não durou mais do que esse espaço. Supus que, unindo-te a mim, deixasses um pouco a vida dos passeios, dos teatros, dos bailes. Enganei-me; nada em teus hábitos; eu posso dizer não me casei para mim. Fui forçado a acompanhar-te por toda a parte, ainda que isso me custasse grande aborrecimento.

CLARA - E depois?

PEDRO ALVES - Depois, é que esperando ver-te cansada dessa vida, reparo com pesar que continuas na mesma e muito longe ainda de a deixar.

CLARA - Conclusão: devo romper com a sociedade e voltar a alongar as suas vinte quatro horas de lua de mel, vivendo beatificamente ao lado um do outro, debaixo do teto conjugal...

PEDRO ALVES - Como dois pombos.

CLARA - Como dois pombos ridículos! Gosto de ouvi-lo com essas recriminações. Quem o atender, supõe que se casou comigopelos impulsos do coração. A verdade é que me esposou por vaidade, e que quer continuar essa lua de mel, não por amor, mas pelo susto natural de um proprietário que receia perder um cabedal precioso.

PEDRO ALVES - Oh!

CLARA - Não serei um cabedal precioso?

PEDRO ALVES - Não digo isso. Protesto, sim, contra as tuas conclusões.

CLARA - O protesto é outro hábito do parlamento! Exemplo às mulheres futuras do quanto, no mesmo homem, fica o marido suplantado pelo deputado.

PEDRO ALVES - Está bom, Clara, concedo-te tudo.

CLARA *(levantando-se)* - *Ah!* vou fazer cantar o triunfo!

PEDRO ALVES - Continua a divertir-te como for de teu gosto.

CLARA - Obrigada!

PEDRO ALVES - Não se dirá que te contrariei nunca.

CLARA - A história há de fazer-te justiça.

PEDRO ALVES - Acabemos com isto. Estas pequenas rixas azedam-me o espírito, e não lucramos nada com elas.

CLARA - Acho que sim. Deixe de ser ridículo, que eu continuarei nas mais benévolas disposições. Para começar, não vou à partida da minha amiga Carlota. Está satisfeito?

PEDRO ALVES - Estou.

CLARA - Bem. Não se esqueça de ir buscar minha filha. É tempo de apresentá-la à sociedade. A pobre Clarinha deve estar bem desconsolada. Está moça e ainda no colégio. Tem sido um descuido nosso.

PEDRO ALVES - Irei buscá-la amanhã.

CLARA - Pois bem. *(Sai).*

CENA II

Pedro Alves e um criado

PEDRO ALVES - Safa! que maçada!

O CRIADO - Está aí uma pessoa que

quer lhe falar.

PEDRO ALVES - Faze-a entrar.

CENA III

Pedro Alves, Luiz de Mello

PEDRO ALVES - Que vejo!

LUIZ - Luiz de Mello, lembra-se?

PEDRO ALVES - Muito. Venha um abraço! Então como está? Quando chegou?

LUIZ - Pelo último paquete.

PEDRO ALVES - Ah! não li nos jornais.

LUIZ - O meu nome é tão vulgar que facilmente se confunde com os outros.

PEDRO ALVES - Confesso que só agora sei que está no Rio de Janeiro. Sentemo-nos. Então andou muito pela Europa?

LUIZ - Pela Europa quase nada; a maior parte do tempo gastei em atravessar o Oriente.

PEDRO ALVES - Sempre realizou a sua idéia?

LUIZ - É verdade, vi tudo o que a minha fortuna podia oferecer aos meus instintos artísticos.

PEDRO ALVES - Que de impressões havia de ter! muito turco, muito árabe, muita mulher bonita, não? Diga-me uma coisa, há também ciúmes por lá?

LUIZ - Há.

PEDRO ALVES - Contar-me-á a sua viagem por extenso.

LUIZ - Sim, com mais descanso. Está de saúde a Sra. D. Clara Alves?

PEDRO ALVES - De perfeita saúde. Tenho muito que lhe dizer respeito ao que se passou depois que se foi embora.

LUIZ - Ah!

PEDRO ALVES - Passei estes cinco anos no meio da mais completa felicidade. Ninguém melhor saboreou as delícias do casamento. A nossa vida conjugal pode-se dizer que é um céu sem nuvens. Ambos somos felizes, e ambos nos desvelamos por agradar um ao outro.

LUIZ - É uma lua-de-mel sem ocaso.

PEDRO ALVES - E lua cheia.

LUIZ - Tanto melhor! Folgo de vê-los felizes. A felicidade na família é uma cópia, ainda que pálida, da bem-aventurança celeste. Pelo contrário, os tormentos domésticos representam na terra o purgatório.

PEDRO ALVES - Apoiado!

LUIZ - Por isso estimo que acertasse com a primeira.

PEDRO ALVES - Acertei. Ora, do que eu me admiro não é do acerto, mas do modo por que de pronto me habituei à vida conjugal. Parece-me incrível. Quando me lembro da minha vida de solteiro, vida de borboleta, ágil e incapaz de pousar definitivamente sobre uma flor...

LUIZ - A coisa explica-se. Tal seria o modo por que o enredaram e pregaram com o competente alfinete no fundo desse quadro chamado lar doméstico!

PEDRO ALVES - Sim, creio que é isso.

LUIZ - De maneira que hoje é pelo casamento?

PEDRO ALVES - De todo o coração.

LUIZ - Está feito, perdeu-se um folgazão, mas ganhou-se um homem de bem.

PEDRO ALVES - Ande lá. Aposto que também tem vontade de romper a cadeia do passado?

LUIZ - Não será difícil.

PEDRO ALVES - Pois é o que deve fazer.

LUIZ - Veja o que é o egoísmo humano. Como renegou da vida de solteiro, quer que todos professem a religião do matrimônio.

PEDRO ALVES - Escusa moralizar.

LUIZ - É verdade que é uma religião tão doce!

PEDRO ALVES - Ah!... Sabe que estou deputado!

LUIZ - Sei e dou-lhe os meus parabéns.

PEDRO ALVES - Alcancei um diploma na última eleição. Na minha idade ainda é tempo de começar a vida política, e nas circunstâncias eu não tinha outra a seguir mais apropriada. Fugindo às antigas parcialidades políticas, defendo os interesses

do distrito que represento, e como o governo mostra zelar esses interesses, sou pelo governo.

LUIZ - É lógico.

PEDRO ALVES - Graças a esta posição independente, constituí-me um dos chefes da maioria da câmara.

LUIZ - Ah! ah!

PEDRO ALVES - Acha que vou depressa! Os meus talentos políticos dão razão da celeridade da minha carreira. Se eu fosse a nulidade, nem alcançaria um diploma. Não acha!

LUIZ - Tem razão...

PEDRO ALVES - Por que não tenta a política!

LUIZ - Porque a política é uma vocação, e quando não é vocação é uma especulação. Acontece muitas vezes que, depois de ensaiar diversos caminhos para chegar ao futuro, depara-se finalmente com o da política para o qual convergem as aspirações íntimas. Comigo não se dá isso. Quando mesmo o encontrasse juncado de flores, passaria por ele para tomar outro mais modesto. Do contrário, seria fazer política de especulação.

PEDRO ALVES - Pensa bem.

LUIZ - Prefiro a obscuridade ao remorso que me ficaria de representar um papel ridículo.

PEDRO ALVES - Gosto de ouvir falar assim. Pelo menos é franco e vai logo dando o nome às coisas. Ora, depois de uma ausência de cinco anos parece que há vontade de passar algumas horas juntos, não? Fique para jantar conosco.

LUIZ - Fico, mas vou antes deixar um cartão de visita à casa do seu vizinho comendador. Já volto.

CENA IV

Clara, Pedro Alves, Luiz

PEDRO ALVES - Clara, aqui está um velho amigo que não vemos há cinco anos.

CLARA - Ah! o Sr. Luiz de Mello!

LUIZ - Em pessoa, minha senhora.

CLARA - Seja muito bem vindo! Causa-me uma surpresa agradável.

LUIZ - V. Excia. honra-me.

CLARA - Venha sentar-se. O que nos conta?

LUIZ *(conduzindo-a para uma cadeira)* - Para contar tudo fora preciso um tempo interminável.

CLARA - Cinco anos de viagem!

LUIZ - Vi tudo quanto se pode ver nesse prazo. Diante de V. Excia. está um homem que acampou ao pé das pirâmides.

CLARA - Oh!

PEDRO ALVES - Veja isto!

CLARA - Contemplado pelos quarenta séculos!

PEDRO ALVES - E nós que o fazíamos a passear pelas capitães da Europa.

CLARA - É verdade, não suponhamos outra coisa.

LUIZ - Fui comer o pão da vida errante dos meus camaradas árabes. Boa gente! Podem crer que deixei saudades de mim.

CLARA - Admira que entrasse no Rio de Janeiro com esse lúgubre vestuário da nossa prosaica civilização. Devia trazer calça larga, alfange e burnou. Nem ao menos burnou! Aposto que foi Kadi?

LUIZ - Não, minha senhora; só os filhos de Islã têm direito a esse cargo.

CLARA - Está feito. Vejo que sacrificou cinco anos, mas salvou a sua consciência religiosa.

PEDRO ALVES - Teve saudades de cá?

LUIZ - À noite, na hora de repouso, lembrava-me dos amigos que deixara, e desta terra onde vi a luz. Lembrava-me do Club, do Teatro Lírico, de Petrópolis e de todas as nossas distrações. Mas vinha o dia, voltava-me eu à vida ativa, e tudo desvanecia-se como um sonho amaro.

PEDRO ALVES - Bem lhe disse eu que não fosse.

LUIZ - Por que? Foi a idéia mais feliz da minha vida.

CLARA - Faz-me lembrar o justo de que fala o poeta de Algiato, que entre rodas de navalhas diz estar em um leito de rosas.

LUIZ - São versos lindíssimos, mas sem aplicação ao caso atual. A minha viagem foi uma viagem de artista e não de peralvilho; observei com os olhos do espírito e da inteligência. Tanto basta para que fosse uma excursão de rosas.

CLARA - Vale então a pena perder cinco anos?

LUIZ - Vale.

PEDRO ALVES - Se não fosse o meu distrito sempre quisera ir ver essas coisas de perto.

CLARA - Mas que sacrifício! Como é possível trocar os conchegos do repouso e da quietação pelas aventuras de tão penosa viagem?

LUIZ - Se as coisas boas não se alcançassem à custa de um sacrifício, onde estaria o valor delas? O fruto maduro ao alcance da mão do bem-aventurado a quem as huris embalam, só existe no paraíso de Maomé.

CLARA - Vê-se que chega de tratar com árabes?

LUIZ - Pela comparação? Dou-lhe outra mais ortodoxa: o fruto provado por Eva custou-lhe o sacrifício do paraíso terrestre.

CLARA - Enfim, ajunte exemplo sobre exemplo, citação sobre citação, e ainda assim não me fará sair dos meus cômodos.

LUIZ - O primeiro passo é difícil. Dado ele, apodera-se da gente um furor de viajar, que eu chamarei febre de locomoção.

CLARA - Que se apaga pela saciedade?

LUIZ - Pelo cansaço. E foi o que me aconteceu: parei de cansado. Volto a repousar com as recordações colhidas no espaço de cinco anos.

CLARA - Tanto melhor para nós.

LUIZ - V. Excia. honra-me.

CLARA - Já não há medo de que o pássaro abra de novo as asas.

PEDRO ALVES - Quem sabe?

LUIZ - Tem razão; dou por findo o meu capítulo de viagem.

PEDRO ALVES - O pior é não querer abrir agora o da política. A propósito: são horas de ir para a câmara; há hoje uma votação a que não posso faltar.

LUIZ - Eu vou fazer uma visita na vizinhança.

PEDRO ALVES - À casa do comendador, não é? Clara, o Sr. Luiz de Mello faz-nos a honra de jantar conosco.

CLARA - Ah! quer ser completamente amável.

LUIZ - V. Excia. honra-me sobre maneira... *(a Clara)* Minha senhora! *(a Pedro Alves)* Até logo, meu amigo!

CENA V

Clara, Pedro Alves

PEDRO ALVES - Ouviu como está contente? Reconheço que não há nada para curar uma paixão do que seja uma viagem.

CLARA - Ainda se lembra disso?

PEDRO ALVES - Se me lembro!

CLARA - E teria ele paixão?

PEDRO ALVES - Teve. Posso afiançar que a participação do nosso casamento causou-lhe a maior dor deste mundo.

CLARA - Acha?

PEDRO ALVES - É que o gracejo era pesado demais.

CLARA - Se assim é, mostrou-se generoso, porque mal chegou, já nos vem visitar.

PEDRO ALVES - Também é verdade. Fico conhecendo que as viagens são um excelente remédio para curar paixões.

CLARA - Tenha cuidado.

PEDRO ALVES - Em quê?

CLARA - Em não soltar alguma palavra a esse respeito.

PEDRO ALVES - Descanse, porque eu, além de compreender as conveniências, simpatizo com este moço e agradam-me as suas maneiras. Creio que não há crime nisto, pelo que se passou há cinco anos.

CLARA - Ora, crime!

PEDRO ALVES - Demais, ele mostrou-se hoje tão contente com o nosso casamento, que parece completamente estranho a ele.

CLARA - Pois não vê que é um cavalheiro perfeito? Obrar de outro modo seria cobrir-se de ridículo.

PEDRO ALVES - Bem, são onze horas, vou para a câmara.

CLARA *(da porta)* - Volta cedo?

PEDRO ALVES - Mal acabar a sessão. O meu chapéu? Ah! *(vai buscá-lo a uma mesa. Clara sai).* Vamos lá com esta famosa votação.

CENA VI

Luiz, Pedro Alves

PEDRO ALVES - Oh!

LUIZ - O comendador não estava em casa, lá deixei o meu cartão de visita. Aonde vai?

PEDRO ALVES - À câmara.

LUIZ - Ah!

PEDRO ALVES - Venha comigo.

LUIZ - Não se pode demorar alguns minutos?

PEDRO ALVES - Posso.

LUIZ - Pois conversemos.

PEDRO ALVES - Dou-lhe meia hora.

LUIZ - Demais o seu boleeiro dorme tão a sono solto que é uma pena acordá-lo.

PEDRO ALVES - O tratante não faz outra coisa.

LUIZ - O que lhe vou comunicar é grave e importante.

PEDRO ALVES - Não me assuste.

LUIZ - Não há de quê. Ouça, porém. Chegado há três dias, tive eu tempo de ir ontem mesmo a um baile. Estava com sede de voltar à vida ativa em que me eduquei, e não perdi a oportunidade.

PEDRO ALVES - Compreendo a sofreguidão.

LUIZ - O baile foi na casa do colégio da sua enteada.

PEDRO ALVES - Minha mulher não foi por causa de um leve incômodo. Dizem que esteve uma bonita função.

LUIZ - É verdade.

PEDRO ALVES - Não achou a Clarinha uma bonita moça?

LUIZ - Se a achei bonita? Tanto que venho pedi-la em casamento.

PEDRO ALVES - Oh!

LUIZ - De que se admira? Acha extraordinário?

PEDRO ALVES - Não, pelo contrário, acho natural.

LUIZ - Faço-lhe o pedido com franqueza; peço-lhe que responda com igual franqueza.

PEDRO ALVES - Oh! da minha parte a resposta é toda afirmativa.

LUIZ - Posso contar com igual resposta da outra parte?

PEDRO ALVES - Se houver dúvida, aqui estou eu para pleitear a sua causa.

LUIZ - Tanto melhor.

PEDRO ALVES - Tencionávamos trazê-la amanhã para casa.

LUIZ - Graças a Deus! Cheguei a tempo.

PEDRO ALVES - Com franqueza, causa-me com isso um grande prazer.

LUIZ - Sim?

PEDRO ALVES - Confirmaremos pelos laços de parentesco os vínculos da simpatia.

LUIZ - Obrigado. O casamento é contagioso, e a felicidade alheia é um estímulo. Quando ontem saí do baile trouxe o coraçãoaceso,

mas nada tinha ainda assentado de definitivo. Porém tanto lhe ouvi falar de sua felicidade que não pude deixar de pedir-lhe me auxilie no intento de ser também feliz.

PEDRO ALVES - Bem lhe dizia eu há pouco que havia de me acompanhar os passos.

LUIZ - Achei essa moça, que apenas sai da infância, tão simples e tão cândida, que não pude deixar de olhá-la com o gênio benfazejo da minha sorte futura. Não sei se ao meu pedido corresponderá a vontade dela, mas resigno-me às conseqüências.

PEDRO ALVES - Tudo será feito a seu favor.

LUIZ - Eu mesmo irei pedi-la à Sra. Clara. Se por ventura encontrar oposição, peço-lhe então que interceda por mim.

PEDRO ALVES - Fica entendido.

LUIZ - Hoje, que volto ao repouso, creio que me fará bem a vida pacífica, no meio dos afagos de uma esposa terna e bonita. Para que o pássaro não torne a abrir as asas, é preciso dar-lhe gaiola e uma linda gaiola.

PEDRO ALVES - Bem; eu vou para a câmara, e volto apenas acabada a votação. Fique aqui e exponha a sua causa à minha mulher que o ouvirá com benevolência.

LUIZ - Dá-me esperanças?

PEDRO ALVES - Todas. Seja firme e instante.

CENA VII

Clara, Luiz

LUIZ - Parece-me que vou entrar em uma batalha.

CLARA - Ah! não esperava encontrá-lo.

LUIZ - Estive com o Sr. Pedro Alves. Neste momento foi ele para a câmara. Ouça: lá partiu o carro.

CLARA - Conversaram muito?

LUIZ - Alguma coisa, minha senhora.

CLARA - Como bons amigos?

LUIZ - Como excelentes amigos.

CLARA - Contou-lhe a sua viagem?

LUIZ - Já tive a honra de dizer a Vossa Excia. que a minha viagem pede muito tempo para ser narrada.

CLARA - Escreva-a então. Há muito episódio?

LUIZ - Episódios de viagem, tão somente, mas que trazem sempre a sua novidade.

CLARA - O seu escrito brilhará pela imaginação, pelos belos achados da sua fantasia.

LUIZ - É o meu pecado original.

CLARA - Pecado?

LUIZ - A imaginação.

CLARA - Não vejo pecado nisso.

LUIZ - A fantasia é um vidro de cor, um óculo brilhante, porém, mentiroso...

CLARA - Não me lembra de lhe ter dito isso.

LUIZ - Também eu não digo que Vossa Excia. mo tenha dito.

CLARA - Faz mal em vir do deserto, só para recordar algumas palavras que me escaparam há cinco anos.

LUIZ - Repeti-as como de autoridade. Não eram a sua opinião?

CLARA - Se quer que lhe minta, respondo afirmativamente.

LUIZ - Então deveras vale alguma coisa elevar-se acima dos espíritos vulgares, e ver a realidade das coisas pela porta da imaginação?

CLARA - Se vale! A vida fora bem prosaica se lhe não emprestássemos cores nossas e não a vestíssemos à nossa maneira.

LUIZ - Perdão, mas...

CLARA - Pode averbar-me de suspeita, está no seu direito. Nós outras, as mulheres, somos as filhas da fantasia; é preciso levar em conta que eu falo em defesa da mãe comum.

LUIZ - Está-me fazendo crer em milagres.

CLARA - Onde vê o milagre?

LUIZ - Na conversão de V. Excia.

CLARA - Não crê que eu esteja falando a verdade?

LUIZ - Creio que é tão verdadeira hoje, como foi há cinco anos, e é nisso que está o milagre da conversão.

CLARA - Pois será conversão. Não tem mais que bater palmas pela ovelha rebelde que volta ao aprisco. Os homens tomaram tudo e mal deixaram às mulheres as regiões do ideal. As mulheres ganharam. Para a maior parte o ideal da felicidade é a vida plácida, no meio das flores, ao pé de um coração que palpita. Elas sonham com o perfume das flores, com as escumas do mar, com os raios da lua e todo o material da poesia moderna. São almas delicadas, mal compreendidas e muito caluniadas.

LUIZ - Não defenda com tanto ardor o seu sexo, minha senhora. É de uma alma generosa, mas não de um gênio observador.

CLARA - Anda assim mal com ele?

LUIZ - Mal por que?

CLARA - Eu sei!

LUIZ - Aprendi a respeitá-lo, e quando assim não fosse, sei perdoar.

CLARA - Perdoar, como os reis, as ofensas por outrem recebidas.

LUIZ - Não, perdoar as próprias.

CLARA - Ah! foi vítima! Tinha vontade de conhecer o seu algoz. Como se chama?

LUIZ - Não costumo a conservar tais nomes.

CLARA - Reparo uma coisa.

LUIZ - O que é?

CLARA - É que em vez de voltar mouro, voltou profundamente cristão.

LUIZ - Voltei como fui: fui homem e voltei homem.

CLARA - Chama ser homem o ser cruel?

LUIZ - Cruel em quê?

CLARA - Cruel, cruel como todos são! A generosidade humana não para no perdão das culpas, vai até o conforto do culpado. Nesta parte não vejo os homens de acordo com o evangelho.

LUIZ - É que os homens, que inventaram a expiação legal, consagram também uma expiação moral. Quando esta não se dá, o perdão não é um dever, porém, uma esmola que se faz à consciência culpada, e tanto basta para o desempenho da caridade cristã.

CLARA - O que é essa expiação moral?

LUIZ - É o remorso.

CLARA - Conhece tabeliães que passam certificados de remorso? É uma expiação que pode não ser acreditada e existir entretanto.

LUIZ - É verdade. Mas para os casos morais há provas morais.

CLARA - Adquiriu essa rigidez no trato com os árabes?

LUIZ - Valia a pena ir tão longe para adquiri-la, não acha?

CLARA - Valia.

LUIZ - Posso elevar-me assim até ser um espírito sólido.

CLARA - Espírito sólido? Não há dessa gente por onde andou?

LUIZ - No Oriente tudo é poeta, e os poetas dispensam bem a glória de espíritos sólidos.

CLARA - Predomina lá a imaginação, não é?

LUIZ - Com toda a força do verbo.

CLARA - Faz-me crer que encontrou a suspirada exceção que... lembra-se?

LUIZ - Encontrei, mas deixei-a passar.

CLARA - Oh!

LUIZ - Escrúpulo religioso, orgulho nacional, que sei eu?

CLARA - Cinco anos perdidos!

LUIZ - Cinco anos ganhos. Gastei-os a passear, enquanto a minha violeta se educava cá num jardim.

CLARA - Ah!... viva então o nosso clima!

LUIZ - Depois de longos dias de solidão, há necessidade de quem nos venha fazer companhia, compartir as nossas alegrias e mágoas, e arrancar o primeiro cabelo que nos alvejar.

CLARA - Há.

LUIZ - Não acha?

CLARA - Mas quando, pensando encontrar a companhia desejada, encontra-se o aborrecimento e a insipidez encarnadas no objeto da nossa escolha?

LUIZ - Nem sempre é assim.

CLARA - As mais das vezes é. Tenha cuidado.

LUIZ - Oh! por esse lado, estou livre de errar.

CLARA - Mas onde está essa flor?

LUIZ - Quer saber?

CLARA - Quero, e também o seu nome.

LUIZ - O seu nome é lindíssimo. Chama-se Clara.

CLARA - Obrigada! E eu conheço-a?

LUIZ - Tanto como a si própria.

CLARA - Sou sua amiga?

LUIZ - Tanto como o é de si.

CLARA - Não sei quem seja.

LUIZ - Deixemos os terrenos das alusões vagas; é melhor falar francamente. Venho pedir-lhe a mão de sua filha.

CLARA - De Clara!

LUIZ - Sim, minha senhora. Vi-a há dois dias; está bela como a adolescência em que entrou. Revela uma expressão de candura tão angélica que não pode deixar de agradar a um homem de imaginação, como eu. Tem além disso uma vantagem: não entrou ainda no mundo, está pura de todo contato social; para ela os homens estão na mesma plana e o seu espírito ainda não pode fazer distinção entre o espírito sólido e o homem do ideal. É-lhe fácil aceitar um ou outro.

CLARA - Com efeito, é uma surpresa com que eu menos contava.

LUIZ - Posso considerar-me feliz?

CLARA - Eu sei! Por mim decido, mas eu não sou a cabeça do casal.

LUIZ - Pedro Alves já me deu seu consentimento.

CLARA - Ah!

LUIZ - Versou sobre isso a nossa conversa.

CLARA - Nunca pensei que chegássemos a esta situação.

LUIZ - Falo como um parente. Se V. Excia. não teve bastante espírito para ser minha esposa, deve tê-lo, pelo menos, para ser minha sogra.

CLARA - Ah!

LUIZ - Que quer? todos temos um dia de desencantos. O meu foi há cinco anos, hoje o desencantado não sou eu.

CENA VIII

Luiz, Pedro Alves, Clara

PEDRO ALVES - Não houve sessão; a minoria fez gazeta. *(A Luiz)* Então?

LUIZ - Tenho o consentimento de ambos.

PEDRO ALVES - Clara não podia deixar de atender ao seu pedido.

CLARA - Peço-lhe que faça a felicidade dela.

LUIZ - Consagrarei nisso minha vida.

PEDRO ALVES - Por mim, hei de sempre ver se posso resolvê-lo a aceitar um distrito nas próximas eleições.

LUIZ - Não será melhor ver primeiro se o distrito me aceitará?

O PROTOCOLO

Comédia em um ato

Representada pela primeira vez no Ateneu Dramático em novembro de 1862

PERSONAGENS

Pinheiro - Sr. Cardoso

Venâncio Alves - Sr. Pimentel

Elisa - Sra. D. Maria Fernanda

Lulu - Sra. D. Jesuína Montani

Atualidade

EM CASA DE PINHEIRO

Sala de visitas

CENA I

Elisa, Venâncio Alves

ELISA - Está meditando?

VENÂNCIO *(como que acordando)* - Ah! perdão!

ELISA - Estou afeita à alegria constante de Lulu, e não posso ver ninguém triste.

VENÂNCIO - Exceto a senhora mesma.

ELISA - Eu!

VENÂNCIO - A senhora!

ELISA - Triste, por que, meu Deus?

VENÂNCIO - Eu sei! Se a rosa dos campos me fizesse a mesma pergunta, eu responderia que era falta de orvalho e de sol. Quer que lhe diga que é falta de... de amor?

ELISA *(rindo-se)* - Não diga isso!

VENÂNCIO - Com certeza, é.

ELISA - Donde conclui?

VENÂNCIO - A senhora tem um sol oficial e um orvalho legal que não sabem animá-la. Há nuvens...

ELISA - É suspeita sem fundamento.

VENÂNCIO - É realidade.

ELISA - Que franqueza a sua!

VENÂNCIO - Ah! é que o meu coração é virginal, e portanto sincero.

ELISA - Virginal a todos os respeitos?

VENÂNCIO - Menos a um.

ELISA - Não serei indiscreta: é feliz.

VENÂNCIO - Esse é o engano. Basta essa exceção para trazer-me um temporal. Tive até certo tempo o sossego e a paz do homem que está fechado no gabinete sem se lhe dar da chuva que açoita as vidraças.

ELISA - Por que não se deixou ficar no gabinete?

VENÂNCIO - Podia acaso fazê-lo? Passou fora a melodia do amor; o coração é curioso e bateu-me que saísse; levantei-me, deixei o livro que estava lendo; era *Paulo e Virgínia!* Abri a porta e nesse momento a fada passava. *(Reparando nela).* Era de olhos negros e cabelos castanhos.

ELISA - Que fez?

VENÂNCIO - Deixei o gabinete, o livro, tudo, para seguir a fada do amor!

ELISA - Não reparou se ela ia só?

VENÂNCIO *(suspirando)* - Não ia só!

ELISA *(em tom de censura)* - Fez mal.

VENÂNCIO - Talvez. Curioso animal que é o homem! Em criança deixa a casa paterna para acompanhar os batalhões que vão à parada; na mocidade deixa os conchegos e a paz para seguir a fada do amor; na idade madura deixa-se levar pelo deus Momo da política ou por qualquer outra fábula do tempo. Só na velhice deixa passar tudo sem mover-se, mas... é porque já não tem pernas!

ELISA - Mas que tencionava fazer se ela não ia só?

VENÂNCIO - Nem sei.

ELISA - Foi loucura. Apanhou chuva!

VENÂNCIO - Ainda estou apanhando.

ELISA - Então é um extravagante.

VENÂNCIO - Sim. Mas um extravagante por amor... Ó poesia!

ELISA - Mau gosto!

VENÂNCIO - A Sra. é a menos competente para dizer isso.

ELISA - É sua opinião?

VENÂNCIO - É opinião deste espelho.

ELISA - Ora!

VENÂNCIO - E dos meus olhos também.

ELISA - Também dos seus olhos?

VENÂNCIO - Olhe para eles.

ELISA - Estou olhando.

VENÂNCIO - O que vê dentro?

ELISA - Vejo... *(Com enfado)* Não vejo nada!

VENÂNCIO - Ah! está convencida!

ELISA - Presumido!

VENÂNCIO - Eu! Essa agora não é má!

ELISA - Para que seguia quem passava quieta pela rua? Supunha abrandá-la com as suas mágoas?

VENÂNCIO - Acompanhei-a, não para abrandá-la, mas para servi-la; viver do rasto de seus pés, das migalhas dos seus olhares; apontar-lhe os regos a saltar, apanhar-lhe o leque quando caísse... *(Cai o leque a Elisa. Venâncio Alves apressa-se a apanha-o e entrega-lho).* Finalmente...

ELISA - Finalmente... fazer profissão de presumido!

VENÂNCIO - Acredita deveras que o seja?

ELISA - Parece.

VENÂNCIO - Pareço, mas não sou. Presumido seria se eu exigisse a atenção exclusiva da fada da noite. Não quero! Basta-me ter coração para amá-la, é a minha maior ventura!

ELISA - A que pode levá-lo esse amor? Mais vale sufocar no coração a chama nascente do que condená-la a arder em vão.

VENÂNCIO - Não; é uma fatalidade! Arder e renascer, como a fênix, suplício eterno, mas amor eterno também.

ELISA - Eia! Ouça uma... amiga. Não dê a esse sentimento tanta importância. Não é a fatalidade da fênix, é a fatalidade... do relógio. Olhe para aquele. Lá anda correndo e regulando; mas se amanhã não lhe derem corda, ele parará. Não dê corda à paixão, que ela parará por si.

VENÂNCIO - Isso não!

ELISA - Faça isso... por mim!

VENÂNCIO - Pela senhora! Sim... não...

ELISA - Tenha ânimo!

CENA II

Venâncio Alves, Elisa, Pinheiro

PINHEIRO *(a Venâncio)* - Como está?

VENÂNCIO - Bom. Conversávamos sobre coisas da moda. Viu os últimos figurinos? São de apurado gosto.

PINHEIRO - Não vi.

VENÂNCIO - Está com um ar triste...

PINHEIRO - Triste, não; aborrecido... É a minha moléstia do domingo.

VENÂNCIO - Ah!

PINHEIRO - Ando a abrir e fechar a boca; é um círculo vicioso.

ELISA - Com licença.

VENÂNCIO - Oh! minha senhora!

ELISA - Eu faço anos hoje; venha jantar conosco.

VENÂNCIO - Venho. Até logo.

CENA III

Pinheiro, Venâncio Alves

VENÂNCIO - Anda então em um círculo vicioso?

PINHEIRO - É verdade. Tentei dormir, não pude; tentei ler, não pude. Que tédio, meu amigo!

VENÂNCIO - Admira!

PINHEIRO - Por que?

VENÂNCIO - Porque não sendo viúvo nem solteiro...

PINHEIRO - Sou casado...

VENÂNCIO - É verdade.

PINHEIRO - Que adianta?

VENÂNCIO - É boa! adianta ser casado. Compreende nada melhor que o casamento?

PINHEIRO - O que pensa da China, Sr. Venâncio?

VENÂNCIO - Eu? Penso...

PINHEIRO - Já sei, vai repetir-me o que tem lido nos livros e visto nas gravuras; não sabe mais nada.

VENÂNCIO - Mas as narrações verídicas...

PINHEIRO - São minguadas ou exageradas. Vá à China, e verá como as coisas mudam tanto ou quanto de figura.

VENÂNCIO - Para adquirir essa certeza não vou lá.

PINHEIRO - É o que lhe aconselho; não se case!

VENÂNCIO - Que não me case?

PINHEIRO - Ou não vá à China, como queira. De fora, conjecturas, sonhos, castelos no ar, esperanças, comoções... Vem o padre, dá a mão aos noivos, leva-os, chegam às muralhas... Upa! estão na China! Com a altura da queda fica-se atordoado, e os sonhos de fora continuam dentro: é a lua de mel; mas, à proporção que o espírito se restabelece, vai vendo o país

como ele é; então poucos lhe chamam Celeste Império, alguns infernal império, muitos purgatorial império!

VENÂNCIO - Ora, que banalidade! E que sofisma!

PINHEIRO - Quantos anos tem, *Sr.* Venâncio?

VENÂNCIO - Vinte e quatro.

PINHEIRO - Está com a mania que eu tinha na sua idade.

VENÂNCIO - Qual mania?

PINHEIRO - A de querer acomodar todas as coisas à lógica, e a lógica a todas coisas. Viva, experimente e convencer-se-á de que nem sempre se pode alcançar isso.

VENÂNCIO - Quer-me parecer que há nuvens no céu conjugal?

PINHEIRO - Há. Nuvens pesadas.

VENÂNCIO - Já eu as tinha visto com o meu telescópio.

PINHEIRO - Ah! se eu não estivesse preso...

VENÂNCIO - É exageração de sua parte. Capitule, Sr. Pinheiro, capitule. Com mulheres bonitas é um consolo capitular. Há de ser o meu preceito de marido.

PINHEIRO - Capitular é vergonha.

VENÂNCIO - Com uma moça encantadora?...

PINHEIRO - Não é uma razão.

VENÂNCIO - Alto lá! Beleza obriga.

PINHEIRO - Pode ser verdade, mas eu peço respeitosamente licença para declarar-lhe que estou com o novo princípio de não-intervenção nos Estados. Nada de intervenções.

VENÂNCIO - A minha intenção é toda conciliatória.

PINHEIRO - Não duvido, nem duvidava. Não veja no que disse injúria pessoal. Folgo de recebê-lo e de contá-lo entre os afeiçoados de minha família.

VENÂNCIO - Muito obrigado. Dá-me licença?

PINHEIRO - Vai rancoroso?

VENÂNCIO - Ora, qual! Até à hora do jantar.

PINHEIRO - Há de desculpar-me, não janto em casa. Mas considere-se com a

mesma liberdade. *(Sai Venâncio. Entra Lulu).*

CENA IV

Pinheiro, Lulu

LULU - Viva, primo!

PINHEIRO - Como estás, Lulu?

LULU - Meu Deus, que cara feia!

PINHEIRO - Pois é a que trago sempre.

LULU - Não é, não, senhor; a sua cara de costume é uma cara amável; essa é de afugentar a gente. Deu agora para andar arrufado com sua mulher!

PINHEIRO - Mau!

LULU - Escusa de zangar-se também comigo. O primo é um bom marido; a prima é uma excelente esposa; ambos formam um excelente casal. É bonito andarem amuados, sem se olharem nem se falarem? Até parece namoro!

PINHEIRO - Ah! tu namoras assim?

LULU - Eu não namoro.

PINHEIRO - Com essa idade?

LULU - Pois então! Mas escute: estes arrufos vão continuar?

PINHEIRO - Eu sei lá.

LULU - Sabe, sim. Veja se isto é bonito na lua de mel; ainda não há cinco meses que se casaram.

PINHEIRO - Não há, não. Mas a data não vem ao caso. A lua de mel ofuscou-se; é alguma nuvem que passa; deixa-la passar. Queres que eu faça como aquele doido que, ao enublar-se o luar, pedia a Júpiter que espevitasse o candeeiro? Júpiter é independente, e me apagaria de todo o luar, como fez com o doido. Aguardemos antes que algum vento sopre do norte, ou do sul, e venha dissipar a passageira sombra.

LULU - Pois sim! Ela é norte, o primo é o sul; faça com que o vento sopre do sul.

PINHEIRO - Não, senhora, há de soprar do norte.

LULU - Capricho sem graça!

PINHEIRO - Queres saber de uma coisa, Lulu? Estou pensando que és uma brisazinha do norte encarregada de fazer clarear o céu.

LULU - Oh! nem por graça!

PINHEIRO - Confessa, Lulu!

LULU - Posso ser uma brisa do sul, isso sim!

PINHEIRO - Não terás essa glória.

LULU - Então o primo é caprichoso assim?

PINHEIRO - Caprichos? Ousas tu, posteridade de Eva, falar de caprichos a mim, posteridade de Adão!

LULU - Oh!...

PINHEIRO - Tua prima é uma caprichosa. De seus caprichos nasceram estas diferenças entre nós. Mas para caprichosa, caprichoso: contrafiz-me, estudei no código feminino meios de

pôr os pés à parede, e tornei-me de antes quebrar que torcer. Se dia não der um passo, também eu não dou.

LULU - Pois eu estendo a mão direita a um e a esquerda a outro, e os aproximarei.

PINHEIRO - Queres ser o anjo da reconciliação?

LULU - Tal qual.

PINHEIRO - Contanto que eu não passe pelas forcas caudinas.

LULU - Hei de fazer as coisas airosamente.

PINHEIRO - Insistes nisso? Eu podia dizer que era ainda um capricho de mulher. Mas não digo, não, chamo antes afeição e dedicação.

CENA V

Pinheiro, Lulu, Elisa

LULU *(baixo)* - Olhe, aí está ela!

PINHEIRO *(baixo)* - Deixa-a.

ELISA - Andava à tua procura, Lulu.

LULU - Para que, prima?

ELISA - Para me dares uma pouca de lã.

LULU - Não tenho aqui; vou buscar.

PINHEIRO - Lulu!

LULU - O que é?

PINHEIRO *(baixo)* - Dize à tua prima que eu janto fora.

LULU *(indo à Elisa, baixo)* - O primo janta fora.

ELISA *(baixo)* - Se é por ter o que fazer, podemos esperar.

LULU *(a Pinheiro, baixo)* - Se é por ter o que fazer, podemos esperar.

PINHEIRO *(baixo)* - É um convite.

LULU *(alto)* - É um convite.

ELISA *(alto)* - Ah! se é um convite pode ir; jantaremos sós.

PINHEIRO *(levantando-se)* - Consentirá, minha senhora, que lhe faça uma observação: mesmo sem a sua licença, eu podia ir!

ELISA - Ah! é claro! Direito de marido... Quem lho contesta?

PINHEIRO - Havia de ser engraçada a contestação!

ELISA - Mesmo muito engraçada!

PINHEIRO - Tanto quanto foi ridícula a licença.

LULU - Primo!

PINHEIRO *(a Lulu)* - Cuida das tuas novelas! Vai encher a cabeça de romantismo, é moda; colhe as idéias absurdas que encontrares nos livros, e depois faz da casa de teu marido a cena do que houveres aprendido com as leituras: é também moda. *(Sai arrebatadamente).*

CENA VI

Lulu, Elisa

LULU - Como está o primo!

ELISA - Mau humor, há de passar!

LULU - Sabe como passava depressa? Pondo fim a estes amuos.

ELISA - Sim, mas cedendo ele.

LULU - Ora, isso é teima!

ELISA - É dignidade!

LULU - Passam dias sem se falarem, e, quando se falam, é assim.

ELISA - Ah! isto é o que menos cuidado me dá. Ao principio fiquei amofinada, e devo dizê-lo, chorei. São coisas estas que só se confessam entre mulheres. Mas hoje vou fazer o que as outras fazem: curar pouco das torturas domesticas. Coração à larga, minha filha, ganha-se o céu, e não se perde a terra.

LULU - Isso é zanga!

ELISA - Não é zanga, é filosofia. Há de chegar o teu dia, deixa estar. Saberás então quanto vale a ciência do casamento.

LULU - Pois explica, mestra.

ELISA - Não; saberás por ti mesma. Quero, entretanto, instruir-te de uma coisa. Não lhe ouviste falar no direito? É engraçada a história do direito! Todos os poetas concordam em dar às mulheres o nome de anjos. Os outros homens não se atrevem a negar, mas dizem consigo: "Também nós somos anjos!" Nisto há sempre um espelho ao lado, que lhes faz ver que, para anjos faltam-lhes... asas! Asas! asas! a todo o custo. E arranjam-nas; legítimas ou não, pouco importa. Essas asas os levam a jantar fora, a dormir fora, muitas vezes a amar fora. A essas asas chamam enfaticamente: o nosso direito!

LULU - Mas, prima, as nossas asas?

ELISA - As nossas? Bem se vê que és inexperiente. Estuda, estuda, e hás de achá-las.

LULU - Prefiro não usar delas.

ELISA - Hás de dizer o contrário quando for ocasião. Meu marido lá bateu as suas; o direito de jantar fora! Caprichou em não levar-me à casa de minha madrinha; é ainda o direito. Daqui nasceram

os nossos arrufos, arrufos sérios. Uma santa zangar-se-ia como eu. Para caprichoso, caprichosa!

LULU - Pois sim! mas estas coisas vão dando na vista; já as pessoas que freqüentam nossa casa têm reparado; o Venâncio Alves não me deixa sossegar com as suas perguntas.

ELISA - Ah! sim?

LULU - Que rapaz aborrecido, prima!

ELISA - Não acho!

LULU - Pois eu acho: aborrecido com as suas afetações!

ELISA - Como aprecias mal! Ele fala com graça e chama-o afetado?...

LULU - Que olhos os seus, prima!

ELISA *(indo ao espelho)* - São bonitos?

LULU - São maus.

ELISA - Em que, minha filósofa?

LULU - Em verem o anverso de Venâncio Alves e o reverso do primo.

ELISA - És uma tola.

LULU - Só?

ELISA - E uma descomedida.

LULU - É porque os amo a ambos. E depois...

ELISA - Depois, o que?

LULU - Vejo no Venâncio Alves um arzinho de pretendente.

ELISA - À tua mão direita?

LULU - À tua mão esquerda.

ELISA - Oh!

LULU - É coisa que se adivinha... *(Ouve-se um carro).* Aí está o homem.

ELISA - Vai recebê-lo. *(Lulu vai até à porta. Elisa chega-se a um espelho e compõe o toucado).*

CENA VII

Elisa, Lulu, Venâncio

LULU - O Sr. Venâncio Alves chega a propósito; falávamos na sua pessoa.

VENÂNCIO - Em que ocupava eu a atenção de tão gentis senhoras?

LULU - Fazíamos o inventário das suas qualidades.

VENÂNCIO - Exageravam-me o cabedal, já sei.

LULU - A prima dizia: "Que moço amável é o Sr. Venâncio Alves!"

VENÂNCIO - Ah! e a senhora?

LULU - Eu dizia: "Que moço amabilíssimo é o Sr. Venâncio Alves!"

VENÂNCIO - Dava-me o superlativo. Não me cai no chão esta atenção gramatical.

LULU - Eu sou assim: estimo ou aborreço no superlativo. Não é, prima?

ELISA *(contrariada)* - Eu sei lá!

VENÂNCIO - Como deve ser triste cair-lhe no desagrado!

LULU - Vou avisando, é o superlativo.

VENÂNCIO - Dou-me por feliz. Creio que lhe cai em graça...

LULU - Caiu! Caiu! Caiu!

ELISA - Lulu, vai buscar a lã.

LULU - Vou prima, vou. *(Sai correndo).*

CENA VIII

Venâncio, Elisa

VENÂNCIO - Voa qual uma andorinha esta moça!

ELISA - É próprio da idade.

VENÂNCIO - Vou sangrar-me...

ELISA - Hein!

VENÂNCIO - Sangrar-me em saúde contra uma suspeita sua.

ELISA - Suspeita?

VENÂNCIO - Suspeita de haver-me adiantado o meu relógio.

ELISA *(rindo)* - Posso crê-lo.

VENÂNCIO - Estará em erro. Olhe, são duas horas; confronte com o seu: duas horas.

ELISA - Pensa que acreditei seriamente?

VENÂNCIO - Vim mais cedo e de passagem. Quis antecipar-me aos outros no cumprimento de um dever. Os antigos, em prova de respeito, depunham aos pés dos deuses grinaldas e festões; o nosso tempo, infinitamente prosaico, só nos permite oferendas prosaicas; neste álbum ponho eu o testemunho do meu júbilo pelo dia de hoje.

ELISA - Obrigada. Creio no sentimento que o inspira e admiro o gosto da escolha.

VENÂNCIO - Não é a mim que deve tecer o elogio.

ELISA - Foi gosto de quem o vendeu?

VENÂNCIO - Não, minha senhora, eu próprio o escolhi; mas a escolha foi das mais involuntárias; tinha a sua imagem na cabeça e não podia deixar de acertar.

ELISA - É uma fineza de quebra. *(Folheia o álbum).*

VENÂNCIO - É por isso que me vibra um golpe?

ELISA - Um golpe?

VENÂNCIO - É tão casta que não há de calcular comigo; mas as suas palavras são proferidas com uma indiferença que eu direi instintiva.

ELISA - Não creia...

VENÂNCIO - Que não creia na indiferença?

ELISA - Não... Não creia no cálculo...

VENÂNCIO - Já disse que não. Em que que devo crer seriamente?

ELISA - Não sei...

VENÂNCIO - Em nada, não lhe parece?

ELISA - Não reza a história de que os antigos, ao depositarem as suas oferendas, apostrofassem os deuses.

VENÂNCIO - É verdade: este uso é do nosso tempo.

ELISA - Do nosso prosaico tempo.

VENÂNCIO - A senhora ri? Riamos todos! Também eu rio e da melhor vontade.

ELISA - Pode rir sem temor. Acha que sou deusa? Mas os deuses já se foram. Estátua, isto sim.

VENÂNCIO - Será estátua. Não me inculpe, nesse caso, a admiração.

ELISA - Não inculpo, aconselho.

VENÂNCIO *(repoltreando-se)* - Foi excelente esta idéia do divã. É um consolo para quem está cansado, e quando à comodidade junta o bom gosto, como este, então é ouro sobre azul. Não acha engenhoso, D. Elisa?

ELISA - Acho.

VENÂNCIO - Devia ser inscrito entre os beneméritos da humanidade o autor disto. Com trastes assim, e dentro de uma casinha de campo, prometo ser o mais sincero anacoreta que jamais fugiu às tentações do mundo. Onde comprou este?

ELISA - Em casa do Costrejean.

VENÂNCIO - Comprou uma preciosidade.

ELISA - Com outra que está agora por cima, e que eu não comprei, fazem duas, duas preciosidades.

VENÂNCIO - Disse muito bem! É tal o conchego que até se podem esquecer as horas... É verdade, que horas são? Duas e meia. A senhora dá-me licença?

ELISA - Já se vaI?

VENÂNCIO - Até à hora do jantar.

ELISA - Olhe, não me queira mal.

VENÂNCIO - Eu, mal! E por que?

ELISA - Não me obrigue a explicações inúteis.

VENÂNCIO - Não obrigo, não. compreendo de sobejo a sua intenção. Mas, francamente, se a flor está alta para ser colhida, é crime aspirar-lhe de longe o aroma e adorá-la?

ELISA - Crime não é.

VENÂNCIO - São duas e meia. Até à hora do jantar.

CENA IX

Venâncio, Elisa, Lulu

LULU - Sai com a minha chegada?

VENÂNCIO - Ia sair.

LULU - Até quando?

VENÂNCIO - Até à hora do jantar.

LULU - Ah! janta conosco?

ELISA - Sabes que faço anos, e esse dia é o dos amigos.

LULU - É justo, é justo

VENÂNCIO - Até logo.

CENA X

Lulu, Elisa

LULU - Oh! teve presente!

ELISA - Não achas de gosto?

LULU - Não tanto.

ELISA - É prevenção. Suspeitas que é do Venâncio Alves?

LULU - Atinei logo.

ELISA - Que tens contra esse moço?

LULU - Já to disse.

ELISA - É mau deixar-se ir pelas antipatias.

LULU - Antipatias não tenho.

ELISA - Alguém sobe.

LULU - Há de ser o primo.

ELISA - Ele! *(Sai).*

CENA XI

Pinheiro, Lulu

LULU - Viva! está mais calmo?

PINHEIRO - Calmo sempre, menos nas ocasiões em que és... indiscreta.

LULU - Indiscreta!

PINHEIRO - Indiscreta, sim, senhora! Para que veio aquela exclamação quando eu falava com Elisa?

LULU - Foi porque o primo falou de um modo...

PINHEIRO - De um modo, que é o meu modo, que é modo de todos os maridos contrariados.

LULU - De um modo que não é o seu, primo. Para que fazer-se mau quando é

bom? Pensa que não se percebe quanto lhe custa contrafazer-se?

PINHEIRO - Vais dizer que sou um anjo!

LULU - O primo é um excelente homem, isso sim. Olhe, sou importuna, e hei de sê-lo até vê-los desamuados.

PINHEIRO - Ora, prima, para irmã de caridade, és muito criança. Dispenso os teus conselhos e os teus serviços.

LULU - É um ingrato.

PINHEIRO - Serei.

LULU - Homem sem coração.

PINHEIRO - Quanto a isso, é questão de fato; põe aqui a tua mão, não sentes bater? É o coração.

LULU - Eu sinto um charuto.

PINHEIRO - Um charuto? Pois é isso mesmo. Coração e charuto são símbolos um do outro; ambos se queimam e se desfazem em cinzas. Olha, este charuto, sei eu que o tenho para fumar; mas o coração, esse creio que já está todo no cinzeiro.

LULU - Sempre a brincar!

PINHEIRO - Achas que devo chorar?

LULU - Não, mas...

PINHEIRO - Mas o que?

LULU - Não digo, é uma coisa muito feia.

PINHEIRO - Coisas feias na tua boca, Lulu!

LULU - Muito feia.

PINHEIRO - Não há de ser, dize.

LULU - Demais, posso parecer indiscreta.

PINHEIRO - Ora, qual; alguma coisa de meu interesse?

LULU - Se é!

PINHEIRO - Pois, então, não és indiscreta!

LULU - Então, quantas caras tem a indiscrição?

PINHEIRO - Duas.

LULU - Boa moral!

PINHEIRO - Moral à parte. Fala: o que é?

LULU - Que curioso! É uma simples observação; não lhe parece que é mau desamparar a ovelha, havendo tantos lobos, primo?

PINHEIRO - Onde aprendeste isso?

LULU - Nos livros que me dão para ler.

PINHEIRO - Estás adiantada! E já que sabes tanto, falarei. como se falasse a um livro. Primeiramente, eu não desamparo; depois, não vejo lobos.

LULU - Desampara, Sim!

PINHEIRO - Não estou em casa?

LULU - Desampara o coração.

PINHEIRO - Mas, os lobos?...

LULU - Os lobos vestem-se de cordeiros e apertam a mão ao pastor, conversam com ele, sem que deixem de olhar furtivamente para a ovelha mal guardada.

PINHEIRO - Não há nenhum.

LULU - São assíduos; visitas sobre visitas; muita zumbaia, muita atenção, mas lá por dentro a ruminarem coisas más.

PINHEIRO - Ora, Lulu, deixa-te de tolices.

LULU - Não digo mais nada. Onde foi Venâncio Alves?

PINHEIRO - Não sei. Ali está um que não há de ser acusado de lobo.

LULU - Os lobos vestem-se de cordeiros.

PINHEIRO - O que é que dizes?

LULU - Eu não digo nada. Vou tocar piano. Quer ouvir um noturno ou prefere uma polca?

PINHEIRO - Lulu, ordeno-lhe que fale!

LULU - Para que? para ser indiscreta?

PINHEIRO - Venâncio Alves?...

LULU - É um tolo, nada mais. *(Sai. Pinheiro fica pensativo. Vai à mesa e vê o álbum)*

CENA XII

Pinheiro, Elisa

PINHEIRO - Há de desculpar-me, mas creio não ser indiscreto, desejando saber com que sentimento recebeu este álbum.

ELISA - Com o sentimento com que se recebem álbuns.

PINHEIRO - A resposta em nada me esclarece.

ELISA - Há então sentimentos para receber álbuns, e há um com que eu deveria receber este?

PINHEIRO - Devia saber que há.

ELISA - Pois... recebi com esse.

PINHEIRO - A minha pergunta poderá parecer indiscreta, mas...

ELISA - Oh! indiscreta, não!

PINHEIRO - Deixe, minha senhora, esse tom sarcástico, e veja bem que eu falo sério.

ELISA - Vejo isso. Quanto à pergunta, está exercendo um direito.

PINHEIRO - Não lhe parece que seja um direito este de investigar as intenções dos pássaros que penetram em minha seara, para saber se são daninhos?

ELISA - Sem dúvida. Ao lado desse direito, está o nosso dever, dever das searas, de prestar-se a todas as suspeitas.

PINHEIRO - É inútil a argumentação por esse lado: os pássaros cantam e as cantigas deleitam.

ELISA - Está falando sério?

PINHEIRO - Muito sério.

ELISA - Então consinta que faça contraste: eu rio-me.

PINHEIRO - Não me tome por um mau sonhador de perfídias; perguntei, porque estou seguro de que não são muito santas as intenções que trazem à minha casa Venâncio Alves.

ELISA - Pois eu nem suspeito...

PINHEIRO - Vê o céu nublado e as águas turvas: pensa que é azada ocasião para pescar.

ELISA - Está feito, é de pescador atilado!

PINHEIRO - Pode ser um mérito a seus olhos, minha senhora; aos meus é um vício de que o pretendo curar, arrancando-lhe as orelhas.

ELISA - Jesus! está com intenções trágicas!

PINHEIRO - Zombe ou não, há de ser assim.

ELISA - Mutilado ele, que pretende fazer da mesquinha Desdêmona?

PINHEIRO - Conduzi-la de novo ao lar paterno.

ELISA - Mas, afinal de contas, meu marido, obriga-me a falar também seriamente.

PINHEIRO - Que tem a dizer?

ELISA - Fui tirada há meses da casa de meu pai para ser sua mulher; agora, por um pretexto frívolo, leva-me de novo ao lar paterno. Parece-lhe que eu seja uma casaca que se pode tirar por estar fora de moda?

PINHEIRO - Não estou para rir, mas digo-lhe que antes fosse uma casaca.

ELISA - Muito obrigada!

PINHEIRO - Qual foi a casaca que já me deu cuidados? Por ventura quando saio com a minha casaca não vou descansado a respeito dela? Não sei eu perfeitamente que ela não olha complacente para as costas alheias e fica descansada nas minhas?

ELISA - Pois tome-me por uma casaca. Vê em mim alguns salpicos?

PINHEIRO - Não, não vejo. Mas vejo a rua cheia de lama e um carro que vai passando; e nestes casos, como não gosto de andar mal asseado, entro em um corredor, com a minha casaca, à espera de que a rua fique desimpedida.

ELISA - Bem. Vejo que quer a nossa separação temporária... até que passe o

carro. Durante esse tempo como pretende andar? Em mangas de camisa?

PINHEIRO - Durante esse tempo não andarei, ficarei em casa.

ELISA - Oh! suspeita por suspeita! Eu não creio nessa reclusão voluntária.

PINHEIRO - Não crê? E por que?

ELISA - Não creio, por mil razões.

PINHEIRO - Dê-me uma, e fique com as novecentas e noventa e nove.

ELISA - Posso dar-lhe mais de uma e até todas. A primeira é a simples dificuldade de conter-se entre as quatro paredes desta casa.

PINHEIRO - Verá se posso.

ELISA - A segunda é que não deixará de aproveitar o isolamento para ir ao alfaiate provar outras casacas.

PINHEIRO - Oh!

ELISA - Para ir ao alfaiate é preciso sair; quero crer que não fará vir o alfaiate à casa.

PINHEIRO - Conjecturas suas. Reflita, que não está dizendo coisas assizadas. Conhece o amor que lhe tive e lhe tenho, e sabe de que sou capaz. Mas, voltemos ao ponto de partida. Este livro pode nada significar e significar muito. *(Folheia).* Que responde?

ELISA - Nada.

PINHEIRO - Oh! que é isto? É a letra dele.

ELISA - Não tinha visto.

PINHEIRO - É talvez uma confidência. Posso ler?

ELISA - Por que não?

PINHEIRO *(lendo)* - "Se me privas dos teus aromas, ó rosa que foste abrir sobre um rochedo, não podes fazer com que eu te não ame, contemple e abençoe!" Como acha isto?

ELISA - Não sei.

PINHEIRO - Não tinha lido?

ELISA (sentando-se) - Não.

PINHEIRO - Sabe quem é esta rosa?

ELISA - Cuida que serei eu?

PINHEIRO - Parece. O rochedo sou eu. Onde vai ele desencavar estas figuras.

ELISA - Foi talvez escrito sem intenção...

PINHEIRO - Ai! foi... Ora, diga, é bonito isto? Escreveria ele se não houvesse esperanças?

ELISA - Basta. Tenho ouvido. Não quero continuar a ser alvo de suspeitas. Esta frase é intencional; ele viu as águas turvas... De quem a culpa? Dele ou sua? Se as não houvesse agitado, elas estariam plácidas e transparentes como dantes.

PINHEIRO - A culpa é minha?

ELISA - Dirá que não é. Paciência. Juro-lhe que não sou cúmplice nas intenções deste presente.

PINHEIRO - Jura?

ELISA - Juro.

PINHEIRO - Acredito. Dente por dente, Elisa, como na pena de Talião. Aqui tens a minha mão em prova de que esqueço tudo.

ELISA - Também eu tenho a esquecer e esqueço.

CENA XIII

Elisa, Pinheiro, Lulu

LULU - Bravo! voltou o bom tempo?

PINHEIRO - Voltou.

LULU - Graças a Deus! De que lado soprou o vento?

PINHEIRO - De ambos os lados.

LULU - Ora bem!

ELISA - Pára um carro.

LULU *(vai à janela)* - Vou ver.

PINHEIRO - Há de ser ele.

LULU *(vai à porta)* - Entre, entre.

CENA XIV

Lulu, Venâncio, Pinheiro, Elisa

PINHEIRO *(baixo à Elisa)* - Poupo-lhe as orelhas, mas hei de tirar desforra...

VENÂNCIO - Não faltei... Oh! não foi jantar fora?

PINHEIRO - Não. A Elisa pediu-me que ficasse...

VENÂNCIO *(com uma careta)* - Muito estimo.

PINHEIRO - Estima? Pois não é verdade?

VENÂNCIO - Verdade o que?

PINHEIRO - Que tentasse perpetuar as hostilidades entre a potência marido e a potência mulher?

VENÂNCIO - Não percebo...

PINHEIRO - Ouvi falar de uma conferência e de umas notas... uma intervenção da sua parte na dissidência de dois estados unidos pela natureza e pela lei; gabaram-me os seus meios diplomáticos, e as suas conferências repetidas, e até veio parar às minhas mãos este protocolo, tornado agora inútil, e que eu tenho a honra de depositar em suas mãos.

VENÂNCIO - Isto não é um protocolo... é um álbum... não tive intenção...

PINHEIRO - Tivesse ou não, arquive o volume depois de escrever nele - que a potência Venâncio Alves não entra na santa-aliança.

VENÂNCIO - Não entra?... mas creia... A senhora... me fará justiça.

ELISA - Eu? Eu entrego-lhe as credenciais.

LULU - Aceite, olhe que deve aceitar.

VENÂNCIO - Minhas senhoras, Sr. Pinheiro. *(Sai).*

TODOS - Ah! Ah! Ah!

LULU - O jantar está na mesa. Vamos celebrar o tratado de paz.

QUASE MINISTRO

Comédia em 1 ato

PERSONAGENS

LUCIANO MARTINS, deputado

Dr. SILVEIRA

JOSÉ PACHECO

CARLOS BASTOS

MATEUS

LUIZ PEREIRA

MÜLLER

AGAPITO

Ação - Rio de Janeiro

NOTA PRELIMINAR

Esta comédia foi expressamente escrita para ser representada em um sarau literário e artístico dado a 22 de novembro do ano passado (1862), em casa de alguns amigos na rua da Quitanda.

Os cavalheiros que se encarregaram dos diversos papéis foram os Srs. Moraes Tavares, Manoel de Mello, Ernesto Cybrão, Bento Marques, Insley Pacheco, Arthur Napoleão, Muniz Barreto e Carlos Schramm. O desempenho, como podem atestar os que lá estiveram, foi muito acima do que se podia esperar de amadores.

Pela representação da comédia se abriu o sarau, continuando com a leitura de escritos poéticos e a execução de composições musicais.

Leram composições poéticas os Srs.: conselheiro José Feliciano de Castilho, fragmentos de uma excelente tradução do*Fausto;* Bruno Seabra, fragmentos do seu poema *D. Fuas,* do gênero humorístico, em que a sua musa se distingue sempre; Ernesto Cybrião, uma graciosa e delicada poesia - *O Campo Santo;* Dr. Pedro Luiz - *Os voluntários da morte,* ode eloqüente sobre a Polônia; Faustino de Novaes, uns sentidos versos de despedida a Arthur Napoleão; finalmente, o próprio autor da comédia.

Executaram excelentes pedaços de música os senhores: Arthur Napoleão, A. Arnaud, Schramm e Wagner, pianistas; Muniz Barreto e Bernardelli, violinistas; Tronconi, harpista; Reichert, flautista; BoIgiani, Tootal, Wilmoth, Orlandini e Ferrand, cantores.

A este grupo de artistas é de rigor acrescentar o nome do Sr. Leopoldo Heck, cujos trabalhos de pintura são bem conhecidos, e que se encarregou de *ilustrar* o programa do sarau afixado na sala.

O sarau era o sexto ou sétimo dado pelos mesmos amigos, reinando neste, como em todos, a franca alegria e convivência cordial a que davam lugar o bom gosto da direção e a urbanidade dos diretores.

1863.

EM CASA DE MARTINS

Sala elegante

CENA I

MARTINS, SILVEIRA

SILVEIRA *(entrando)* - Primo Martins, abraça este ressuscitado!

MARTINS - Como assim!

SILVEIRA - Não imaginas. Senta-te, senta-te. Como vai a prima!

MARTINS - Está boa. Mas que foi!

SILVEIRA - Foi um milagre. Conheces aquele meu alazão!

MARTINS - Ah! basta; história de cavalos... que mania!

SILVEIRA - É um vÍcio, confesso. Para mim não há outros: nem fumo, nem mulheres, nem jogo, nem vinho; tudo isso que muitas vezes se encontra em um só homem, reuni-o eu na paixão dos cavalos; mas é que não há nada acima de um cavalo soberbo, elegante, fogoso. Olha, eu compreendo Calígula.

MARTINS - Mas, enfim...

SILVEIRA - A história! É simples. Conheces o meu *Intrépido!* É um lindo alazão! Pois ia eu a pouco, comodamente montado, costeando a praia de Botafogo; ia distraído, não sei em que pensava. De repente, um tílburi, que vinha em frente, esbarra e tomba. O *Intrépido* espanta-se; ergue as patas dianteiras, diante da massa que ficara defronte, donde saíam gritos e lamentos. Procurei contê-lo, mas qual! Quando dei por mim rolava muito prosaicamente na poeira. Levantei-me a custo; todo o corpo me doía; mas enfim pude tomar um carro e ir mudar de roupa. Quanto ao alazão, ninguém deu por ele; deitou a correr até agora.

MARTINS - Que maluco!

SILVEIRA - Ah! mas as comoções... E as folhas amanhã contando o fato: "DESASTRE. - Ontem, o jovem e estimado Dr.

Silveira Borges, primo do talentoso deputado Luciano Alberto Martins, escapou de morrer... etc." Só isto!

MARTINS - Acabaste a história do teu desastre!

SILVEIRA - Acabei.

MARTINS - Ouve agora o meu.

SILVEIRA - Estás ministro, aposto!

MARTINS - Quase.

SILVEIRA - Conta-me isto. Eu já tinha ouvido falar na queda do ministério.

MARTINS - Faleceu hoje de manhã.

SILVEIRA - Deus lhe fale n'alma!

MARTINS - Pois creio que vou ser convidado para uma das pastas.

SILVEIRA - Ainda não foste!

MARTINS - Ainda não; mas a coisa já

é tão sabida na cidade, ouvi isto em tantas partes, que julguei dever voltar para casa à espera do que vier.

SILVEIRA - Muito bem! Dá cá um abraço! Não é um favor que te fazem; mereces, mereces... Ó primo, eu também posso servir em alguma pasta!

MARTINS - Quando houver uma pasta dos alazões... *(Batem palmas).* Quem será!

SILVEIRA - Será a pasta!

MARTINS - Vê quem é.

(Silveira vai à porta. Entra Pacheco).

CENA II

Os mesmos, José Pacheco

PACHECO - V. Excia. dá-me licença!

MARTINS - Pode entrar.

PACHECO - Não me conhece!

MARTINS - Não tenho a honra.

PACHECO - José Pacheco.

MARTINS - José...

PACHECO - Estivemos há dois dias juntos em casa do Bernardo. Fui-lhe apresentado por um colega da Câmara.

MARTINS - Ah! *(A Silveira, baixo).* Que me quererá!

SILVEIRA *(baixo)* - Já cheiras a ministro.

PACHECO *(sentando-se)* - Dá licença!

MARTINS - Pois não *(Senta-se).*

PACHECO - Então que me diz à situação! Eu já previa isto. Não sei se teve a bondade de ler uns artigos meus assinados -*Armand Carrel.* Tudo o que acontece hoje está lá anunciado. Leia-os e verá. Não sei se os leu!

MARTINS - Tenho uma idéia vaga.

PACHECO - Ah! pois então há de lembrar-se de um deles, creio que é o IV, não, é o V. Pois nesse artigo está previsto o que acontece hoje, tim tim por tim tim.

SILVEIRA - Então V. S. é profeta!

PACHECO - Em política, ser lógico é ser profeta. Apliquem-se certos princípios a certos fatos, a conseqüência é sempre a mesma. Mas é mister que haja os fatos e os princípios...

SILVEIRA - V. S. aplicou-os!...

PACHECO - Apliquei, sim, senhor, e adivinhei. Leia o meu V artigo e verá com que certeza matemática pintei a situação atual. Ah! ia-me esquecendo *(a Martins),* receba V. Excia. os meus sinceros parabéns.

MARTINS - Por que!

PACHECO - Não foi chamado para o ministério!

MARTINS - Não estou decidido.

PACHECO - Na cidade não se fala em outra coisa. É uma alegria geral. Mas, por que não está decidido! Não quer aceitar!

MARTINS - Não sei ainda.

PACHECO - Aceite, aceite! É digno; e digo mais, na atual situação, o seu concurso pode servir de muito.

MARTINS - Obrigado.

PACHECO - É o que lhe digo. Depois dos meus artigos; principalmente o V, não é lícito a ninguém recusar uma pasta, só se absolutamente não quiser servir o país. Mas nos meus artigos está tudo, é uma espécie de compêndio. De mais, a situação é nossa; nossa, repito, porque eu sou do partido de V. Excia.

MARTINS - É muita honra.

PACHECO - Uma vez que se compenetre da situação, está tudo feito. Ora, diga-me, que política pretende seguir!

MARTINS - A do nosso partido.

PACHECO - É muito vago isso. O que eu pergunto é se pretende governar com energia ou com moderação. Tudo depende do modo. A situação exige um, mas o outro também pode servir...

MARTINS - Ah!

SILVEIRA (á *parte)* - Que maçante!

PACHECO - Sim, a energia é... é isso, a moderação, entretanto... *(Mudando o tom)*. Ora, sinto deveras que não tivesse lido os meus artigos, lá vem tudo isso.

MARTINS - Vou lê-los... Creio que já os li, mas lerei segunda vez. Estas coisas devem ser lidas muitas vezes.

PACHECO - Não tem duvida, como os catecismos. Tenho escrito outros muitos; ha doze anos que não faço outra coisa; presto religiosa atenção aos negócios do Estado e emprego-me em prever as situações. O que nunca me aconteceu foi atacar ninguém; não vejo as pessoas, vejo sempre as idéias. Sou capaz de impugnar hoje os atos de um ministro e ir amanhã almoçar com ele.

SILVEIRA - Vê-se logo.

PACHECO - Está claro!

MARTINS *(baixo a Silveira)* - Será tolo ou velhaco?

SILVEIRA *(baixo)* - Uma e outra coisa. *(Alto)* Ora, não me dirá, com tais disposições, por que não segue a carreira política? Por que se não propõe a uma cadeira no parlamento?

PACHECO - Tenho meu amor próprio, espero que ma ofereçam.

SILVEIRA - Talvez receiem ofendê-lo.

PACHECO - Ofender-me?

SILVEIRA - Sim, a sua modéstia...

PACHECO - Ah! modesto sou; mas não ficarei zangado.

SILVEIRA - Se lhe oferecerem uma cadeira... está bom. Eu também não; nem ninguém. Mas eu acho que se devia propor; fazer um manifesto, juntar os seus artigos, sem faltar o V...

PACHECO - Esse principalmente. Cito aí boa soma de autores. Eu, de ordinário, cito muitos autores.

SILVEIRA - Pois é isso, escreva o manifesto e apresente-se.

PACHECO - Tenho medo da derrota.

SILVEIRA - Ora, com as suas habilitações...

PACHECO - É verdade, mas o mérito é quase sempre desconhecido, e enquanto eu vegeto nos - *a pedidos* dos jornais, vejo muita gente chegar á cumeeira da fama. *(A Martins).* Ora, diga-me, o que pensará V. Excia. quando eu lhe disser que redigi um folheto e que vou imprimi-lo?

MARTINS - Pensarei que...

PACHECO *(metendo a mão no bolso)* -Aqui lho trago *(tira um rolo de papel).* Tem muito que fazer?

MARTINS - Alguma coisa.

SILVEIRA - Muito, muito.

PACHECO - Então não pode ouvir o meu folheto?

MARTINS - Se me dispensasse agora...

PACHECO - Pois sim, em outra ocasião. Mas, em resumo, é isto: trato dos meios de obter uma renda três vezes maior do que a que temos sem lançar mão de empréstimos, e mais ainda, diminuindo os impostos.

SILVEIRA - Oh!

PACHECO *(guardando o rolo)* - Custou-me muitos dias de trabalho, mas espero fazer barulho.

SILVEIRA (*À parte)* - Ora espera... *(Alto)* Mas então, primo...

PACHECO - Ah! é primo de V. Excia.?

SILVEIRA - Sim, senhor.

PACHECO - Logo vi, há traços de família; vê-se que é um moço inteligente. A inteligência é o principal traço da família de Vs. Excias. Mas dizia...

SILVEIRA - Dizia ao primo que vou decididamente comprar uns cavalos do Cabo magníficos. Não sei se os viu já. Estão na cocheira do major...

PACHECO - Não vi, não, senhor.

SILVEIRA - Pois, senhor, são magníficos! É a melhor estampa que tenho visto, todos do mais puro castanho, elegantes, delgados, vivos. O major encomendou trinta; chegaram seis; fico com todos. Vamos nós vê-los?

PACHECO *(aborrecido)* - Eu não entendo de cavalos. *(Levanta-se).* Hão de dar-me licença. *(A Martins)* V. Excia. janta às cinco?

MARTINS - Sim, senhor, quando quiser...

PACHECO - Ah! hoje mesmo, hoje mesmo. Quero saber se aceitará ou não. Mas se quer um conselho de amigo, aceite, aceite. A situação está talhada para um homem como V. Excia. Não a deixe passar. Recomendações a toda á sua família. Meus senhores. *(Da porta).* Se quer, trago-lhe uma coleção dos meus artigos?

MARTINS - Obrigado, cá os tenho.

PACHECO - Bem, sem mais cerimônia.

CENA III

Martins, Silveira

MARTINS - Que me dizes a isto?

SILVEIRA - É um parasita, está claro.

MARTINS - E virá jantar?

SILVEIRA - Com toda a certeza.

MARTINS - Ora esta!

SILVEIRA - É apenas o começo; não passas ainda de um quase-ministro. Que acontecerá quando o fores de todo?

MARTINS - Tal preço não vale o trono.

SILVEIRA - Ora, aprecia lá a minha filosofia. Só me ocupo dos meus alazões, mas quem se lembra de me vir oferecer artigos para ler e estômagos para alimentar? Ninguém. Feliz obscuridade!

MARTINS - Mas a sem-cerimônia.

SILVEIRA - Ah! querias que fossem acanhados? São lestos, desembaraçados, como em suas próprias casas. Sabem tocar a corda.

MARTINS - Mas, enfim, não há muitos como este. Deus nos livre! Seria uma praga! Que maçante! Se não lhe falas em cavalos ainda aqui estava! *(Batem palmas).* Será outro?

SILVEIRA - Será o mesmo?

CENA IV

Os mesmos, Carlos Bastos

BASTOS - Meus senhores...

MARTINS - Queira sentar-se. *(Sentam-se).* Que deseja?

BASTOS - Sou filho das musas.

SILVEIRA - Bem, com licença.

MARTINS - Onde vais?

SILVEIRA - Vou lá dentro falar à prima.

MARTINS *(baixo)* - Presta-me o auxílio dos teus cavalos.

SILVEIRA *(baixo)* - Não é possível, este conhece o Pégaso. Com licença.

CENA V

Martins, Bastos

BASTOS - Dizia eu que sou filho das musas... Com efeito, desde que me conheci, achei-me logo entre elas. Elas me influÍram a inspiração e o gosto da poesia, de modo que, desde os mais tenros anos, fui poeta.

MARTINS - Sim, senhor, mas...

BASTOS - Mal comecei a ter entendimento, achei-me logo entre a poesia e a prosa, como Cristo entre o bom e o mau ladrão. Ou devia ser poeta, conforme me pedia o gênio, ou lavrador, conforme meu pai queria. Segui os impulsos do gênio; aumentei a lista dos poetas e diminui a dos lavradores.

MARTINS - Porém...

BASTOS - E podia ser o contrário? Há alguém que fuja á sua sina? V. Excia. não é um exemplo? Não se acaba de dar às suas brilhantes qualidades políticas a mais honrosa sanção? Corre ao menos por toda a cidade.

MARTINS - Ainda não é completamente exato.

BASTOS - Mas há de ser, deve ser. *(Depois de uma pausa).* A poesia e a política acham-se ligadas por um laço estreitíssimo. O que é a política? Eu a comparo a Minerva. Ora, Minerva é filha de Júpiter, como Apolo. Ficam sendo, portanto, irmãos. Deste estreito parentesco nasce que a minha musa, apenas soube do triunfo político de V. Excia., não pude deixar de dar alguma cópia de si. Introduziu-me na cabeça a faísca divina, emprestou-me as

suas asas e arrojou-me até onde se arrojava Pindaro. Há de me desculpar, mas agora mesmo parece-me que ainda por lá ando.

MARTINS (á *parte)* - Ora dá-se.

BASTOS - Longo tempo vacilei; não sabia se devia fazer uma ode ou um poema. Era melhor o poema, por oferecer um quadro mais largo, e poder assim conter mais comodamente todas as ações grandes da vida de V. Excia.; mas, um poema só deve pegar do herói quando ele morre; e Vossa Excia., por fortuna nossa, ainda se acha entre os vivos. A ode prestava-se mais, era mais curta e mais própria. Desta opinião foi a musa que me inspirou a melhor composição que até hoje tenho feito. V. Excia. vai ouvi-la. *(Mete a mão no bolso).*

MARTINS - Perdão, mas agora não me é possível.

BASTOS - Mas...

MARTINS - Dê cá; lerei mais tarde. Entretanto, cumpre-me dizer que ainda não é cabida, porque ainda não sou ministro.

BASTOS - Mas ha de ser, deve ser. Olhe, ocorre-me uma coisa. Naturalmente hoje á tarde já isso está decidido. Seus amigos e parentes virão provavelmente jantar com V. Excia.; então no melhor da festa, entre a pêra e o queijo, levanto-me eu, como Horácio à mesa de Augusto, e desafio a minha ode! Que acha? É muito melhor, é muito melhor.

MARTINS - Será melhor não a ler; pareceria encomenda.

BASTOS - Oh! modéstia! Como assenta bem em um ministro!

MARTINS - Não é modéstia.

BASTOS - Mas quem poderá supor que seja encomenda? O seu caráter de homem público repele isso, tanto quanto repele o meu caráter de poeta. Há de se pensar o que realmente é: homenagem de um filho das musas a um aluno de Minerva. Descanse, conte com a sobremesa poética.

MARTINS - Enfim...

BASTOS - Agora, diga-me, quais são as dúvidas para aceitar esse cargo?

MARTINS - São secretas.

BASTOS - Deixe-se d'isso; aceite, que é o verdadeiro. V. Excia. deve servir o país. É o que eu sempre digo a todos... Ah! não sei se sabe: de há cinco anos a esta parte, tenho sido cantor de todos os ministérios. É que, na verdade, quando um ministério sobe ao poder, há razões para acreditar que fará a felicidade da nação. Mas nenhum a fez; este há de ser exceção: V. Excia. está nele e há de obrar de modo que mereça as bênçãos do futuro. Ah! os poetas são um tanto profetas.

MARTINS *(levantando-se)* - Muito obrigado. Mas há de me desculpar. *(Vê o relógio).* Devo sair.

BASTOS *(levantando-se)* - Eu também saio e terei muita honra de ir à ilharga de V. Excia.

MARTINS - Sim... mas, devo sair daqui a pouco.

BASTOS *(sentando-se)* - Bem, eu espero.

MARTINS - Mas é que eu tenho de ir para o interior de minha casa escrever umas cartas.

BASTOS - Sem cerimônia. Sairemos depois e voltaremos... V. Excia. janta ás cinco?

MARTINS - Ah! quer esperar?

BASTOS - Quero ser dos primeiros que

o abracem, quando vier a confirmação da notícia; quero, antes de todos, estreitar nos braços o ministro que vai salvar a nação.

MARTINS *(meio zangado)* - Pois fique, fique.

CENA VI

Os mesmos, Mateus

MATEUS - É um crIado de V. Excia.

MARTINS - Pode entrar.

BASTOS (á *parte)* - Será algum colega? chega tarde!

MATEUS - Não tenho a honra de ser conhecido por V. Excia., mas, em poucas palavras, direi quem sou...

MARTINS - Tenha a bondade de sentar-se.

MATEUS *(vendo Bastos)* - Perdão; está com gente; voltarei em outra ocasião.

MARTINS - Não, diga o que quer, este senhor vai já.

BASTOS - Pois não! (À *parte)* Que remédio! *(Alto)* Às ordens de V. Excia.; até logo... não me demoro muito.

CENA VII

MARTINS, MATEUS

MARTINS - Estou ás suas ordens.

MATEUS - Primeiramente deixe-me dar-lhe os parabéns; sei que vai ter a honra de sentar-se nas poltronas do Executivo e eu acho que é do meu dever congratular-me com a nação.

MARTINS - Muito obrigado. *(À parte)* É sempre a mesma cantilena.

MATHEU5 - O país tem acompanhado os passos brilhantes da carreira política de V. Excia. Todos contam que, subindo ao ministério, V. Excia. vai dar à sociedade um novo tom. Eu penso do mesmo modo. Nenhum dos gabinetes anteriores compreendeu as verdadeiras necessidades da pátria. Uma delas é a idéia que eu tive a honra de apresentar há cinco anos, e para cuja realização ando pedindo um privilégio. Se V. Excia. não tem agora muito que fazer, vou explicar-lhe a minha idéia.

MARTINS - Perdão; mas como eu posso não ser ministro, desejava não entrar por ora no conhecimento de uma coisa que só ao ministro deve ser comunicada.

MATEUS - Não ser ministro ! Vossa Excia. não sabe o que está dizendo... Não ser ministro é, por outros termos, deixar o país à beira do abismo com as molas do maquinismo social emperradas... Não ser ministro! Pois é possível que um homem, com os talentos e os instintos de V. Excia., diga semelhante barbaridade? É uma barbaridade. Eu já não estou em mim... Não ser ministro!

MARTINS - Basta, não se aflija desse modo.

MATEUS - Pois não me hei de afligir?

MARTINS - Mas então a sua idéia?

MATHEUS *(depois de limpar a testa com*

o lenço) - A minha idéia é simples como água. Inventei uma peça de artilharia; coisa inteiramente nova; deixa atrás de si tudo o que até hoje tem sido descoberto. É um invento que põe na mão do país que o possuir a soberania do mundo.

MARTINS - Ah! Vejamos.

MATHEUS - Não posso explicar o meu segredo porque seria perdê-lo. Não é que eu duvide da discrição de V. Excia.; longe de

mim semelhante idéia; mas é que Vossa Excia. sabe que estas coisas têm mais virtude quando são inteiramente secretas.

MARTINS - É justo; mas, diga-me lá, quais são as propriedades da sua peça?

MATHEUS - São espantosas. Primeiramente, eu pretendo denominá-la: *O raio de Júpiter*, para honrar com um nome majestoso a majestade do meu invento. A peça é montada sobre uma carreta, a que chamarei locomotiva, porque não é outra coisa. Quanto ao modo de operar, é aí que está o segredo. A peça tem sempre um deposito de pólvora e bala para carregar, e vapor para mover a máquina. Coloca-se no meio do campo e deixa-se... Não lhe bulam. Em começando o fogo, entra a peça a mover-se em todos os sentidos, descarregando bala sobre bala, aproximando-se ou recuando, segundo a necessidade. Basta uma para destroçar um exército; calcule o que não serão umas doze, como esta. É ou não a soberania do mundo?

MARTINS - Realmente, é espantoso. São peças com juízo.

MATHEUS - Exatamente.

MARTINS - Deseja então um privilégio?

MATEUS - Por ora... É natural que a posteridade me faça alguma coisa... Mas tudo isso pertence ao futuro.

MARTINS - Merece, merece.

MATEUS - Contento-me com o privilégio... Devo acrescentar que alguns ingleses, alemães e americanos que, não sei como, souberam deste invento, já me propuseram, ou a venda dele ou uma carta de naturalização nos respectivos países; mas eu amo à minha pátria e os meus ministros.

MARTINS - Faz bem.

MATHEUS - Está V. Excia. informado das virtudes da minha peça. Naturalmente daqui a pouco é ministro. Posso contar com a sua proteção?

MARTINS - Pode; mas eu não respondo pelos colegas.

MATEUS - Queira V. Excia. e os colegas cederão. Quando um homem tem as qualidades e a inteligência superior de V. Excia., não consulta, domina. Olhe, eu fico descansado a este respeito.

CENA VIII

Os mesmos, Silveira

MARTINS - Fizeste bem em vir. Fica um momento conversando com este senhor. É um inventor e pede um privilégio. Eu vou sair; vou saber novidades. *(À parte)* Com efeito, a coisa tarda. *(Alto)* Até logo. Aqui estarei sempre às suas ordens. Adeus, Silveira.

SILVEIRA *(baixo a Martins)* - Então, deixas-me só?

MARTINS *(baixo)* - Agüenta-se. *(Alto)* Até sempre!

MATEUS - Às ordens de V. Excia.

CENA IX

Mateus, Silveira

MATEUS - Eu também me vou embora. É parente do nosso ministro?

SILVEIRA - Sou primo.

MATEUS - Ah!

SILVEIRA - Então V. S. inventou alguma coisa? Não foi a pólvora?

MATEUS - Não foi, mas cheira a isso... Inventei uma peça.

SILVEIRA - Ah!

MATEUS - Um verdadeiro milagre... Mas não é o primeiro; tenho inventado outras coisas. Houve um tempo em que me zanguei; ninguém fazia caso de mim; recolhi-me ao silêncio, disposto a não inventar mais nada. Finalmente, a vocação sempre vence; comecei de novo a inventar, mas nada fiz ainda que chegasse á minha peça. Hei de dar nome ao século XIX.

CENA X

Os mesmos, Luiz Pereira

PEREIRA - S. Excia. está em casa?

SILVEIRA - Não, senhor. Que desejava?

PEREIRA - Vinha dar-lhe os parabéns.

SILVEIRA - Pode sentar-se.

PEREIRA - Saiu?

SILVEIRA - Há pouco.

PEREIRA - Mas volta?

SILVEIRA - Há de voltar.

PEREIRA - Vinha dar-lhe os parabéns. e convidá-lo.

SILVEIRA - Para que, se não é curiosidade?

PEREIRA - Para um jantar.

SILVEIRA - Ah! *(À parte)* Está feito. Este oferece jantares.

PEREIRA - Está já encomendado. Lá se encontrarão varias notabilidades do país. Quero fazer ao digno ministro, sob cujo teto tenho a honra de falar neste momento, aquelas honras que o talento e a virtude merecem.

SILVEIRA - Agradeço em nome dele esta prova...

PEREIRA - V. S. pode até fazer parte da nossa festa.

SILVEIRA - É muita honra.

PEREIRA - É meu costume, quando sobe um ministério, escolher o ministro mais simpático e oferecer-lhe um jantar. E há uma coisa singular: conto os meus filhos por ministérios. Casei-me em 50; daí para cá, tantos ministérios, tantos filhos. Ora, acontece que de cada pequeno meu é padrinho um ministro e fico eu assim espiritualmente aparentado com todos os gabinetes. No ministério que caiu, tinha eu dois compadres. Graças a Deus, posso fazê-lo sem diminuir as minhas rendas.

SILVEIRA (á *parte)* - O que lhe come o jantar é quem batiza o filho.

PEREIRA - Mas o nosso ministro, demorar-se-á muito?

SILVEIRA - Não sei... ficou de voltar.

MATEUS - Eu peço licença para me retirar. *(À parte, a Silveira)* Não posso ouvir isto.

SILVEIRA - Já se vai?

MATEUS - Tenho voltas que dar; mas logo cá estou. Não lhe ofereço para jantar, porque vejo que S. Excia. janta fora.

PEREIRA - Perdão, se me quer dar a honra.

MATHEUS - Honra... sou eu que a recebo... aceito, aceito com muito gosto.

PEREIRA - É no Hotel Inglês, às cinco horas.

CENA XI

Os mesmos, Agapito, Müller

SILVEIRA - Oh! entra, Agapito!

AGAPITO - Como estás?

SILVEIRA - Traze parabéns?

AGAPITO - E pedidos.

SILVEIRA - O que é?

AGAPITO - Apresento-te o Sr. Müller, cidadão hanoveriano.

SILVEIRA *(a Müller)* - Queira sentar-se.

AGAPITO - O Sr. Müller chegou há quatro meses da Europa e deseja contratar o teatro lírico.

SILVEIRA - Ah!

MÜLLER - Tenho debalde perseguido os ministros, nenhum me tem atendido. Entretanto, o que eu proponho é um verdadeiro negócio da China.

AGAPITO *(a Müller)* - Olhe que não é ao ministro que está falando, é ao primo dele.

MÜLLER - Não faz mal. Veja se não é negócio da China. Proponho fazer cantar os melhores artistas da época. Os senhores vão ouvir coisas nunca ouvidas. Verão o que é um teatro lírico.

SILVEIRA - Bem, não duvido.

AGAPITO - Somente, o Sr. Müller pede uma subvenção.

SILVEIRA - É justo. Quanto?

MÜLLER - Vinte e cinco contos por mês.

MATEUS - Não é má; e os talentos do país? Os que tiverem à custa do seu trabalho produzido inventos altamente maravilhosos? O que tiver posto na mão da pátria a soberania do mundo?

AGAPITO - Ora, senhor! A soberania do mundo é a música, que vence a ferocidade. Não sabe a história de Orfeu?

MÜLLER - Muito bem!

SILVEIRA - Eu acho a subvenção muito avultada.

MÜLLER - E se eu lhe provar que não é?

SILVEIRA - É possível, em relação ao esplendor dos espetáculos; mas, nas circunstâncias do país...

AGAPITO - Não há circunstâncias que procedam contra a música... Deve ser aceita a proposta do Sr. Müller.

MÜLLER - Sem dúvida.

AGAPITO - Eu acho que sim. Há uma porção de razões para demonstrar a necessidade de um teatro lírico. Se o país é feliz, é bom que ouça cantar, porque a música confirma as comoções da felicidade. Se o país é infeliz, é também bom que ouça cantar, porque a música adoça as dores. Se o país é dócil, é bom que ouça música, para nunca se lembrar de ser rebelde. Se o país é rebelde, é bom que ouça música, porque a música adormece os furores e produz a brandura. Em todos os casos a música é útil. Deve ser até um meio do governo.

SILVEIRA - Não contesto nenhuma dessas razões; mas meu primo, se for efetivamente ministro, não aceitará semelhante proposta.

AGAPITO - Deve aceitar; mais ainda, se és meu amigo, deves interceder pelo Sr. Müller.

SILVEIRA - Por que?

AGAPITO *(baixo, a Silveira)* - Filho, eu namoro a prima-dona! *(Alto)* Se me perguntarem quem é a prima-dona, não saberei responder; é um anjo e um diabo; é a mulher que resume as duas naturezas, mas a mulher perfeita, completa, única. Que olhos! que porte! que donaire! que pé! que voz!

SILVEIRA - Também a voz?

AGAPITO - Nela não há primeiros ou últimos merecimentos. Tudo é igual; tem tanta formosura, quanta graça, quanto talento! Se a visses! Se a ouvisses!

MÜLLER - E as outras? Tenho uma andaluza... *(levando os dedos á boca e beijando-os)* divina! É a flor das andaluzas!

AGAPITO - Tu não conheces as andaluzas.

SILVEIRA - Tenho uma que me mandaram de presente.

MÜLLER - Pois, senhor, eu acho que o governo deve aceitar com ambas as mãos *a* minha proposta.

AGAPITO *(baixo, a Silveira)* - E depois, eu acho que tenho direito a este obséquio; votei com vocês nas eleições.

SILVEIRA - Mas...

AGAPITO - Não mates o meu amor ainda nascente.

SILVEIRA - Enfim, o primo resolverá.

CENA XII

Os mesmos, Pacheco, Bastos

PACHECO - Dá licença?

SILVEIRA *(á parte)* - Oh! aí está toda a procissão.

BASTOS - S. Excia.?

SILVEIRA - Saiu. Queiram sentar-se.

PACHECO - Foi naturalmente ter com os companheiros para assentar na política do gabinete. Eu acho que deve ser a política moderada. É a mais segura.

SILVEIRA - É a opinião de nós todos.

PACHECO - É a verdadeira opinião. Tudo o que não for isto é sofismar a situação.

BASTOS - Eu não sei se isso é o que a situação pede; o que sei é que S. Excia. deve colocar-se na altura que lhe compete, a altura de um Hércules. O *deficit* é o leão de Neméia; é preciso mata-lo. Agora, se para aniquilar esse monstro é preciso energia ou moderação, isso não sei; o que sei é que é preciso talento e muito talento, e nesse ponto ninguém pode ombrear com Sua Excia.

PACHECO - Nesta última parte concordamos todos.

BASTOS - Mas que moderação é essa? Pois faz-se jus aos cantos do poeta e ao cinzel do estatuário com um sistema de moderação? Recorramos aos heróis... Aquiles foi moderado? Heitor foi moderado? Eu falo pela poesia, irmã carnal da política, porque ambas são filhas de Júpiter.

PACHECO - Sinto não ter agora os meus artigos. Não posso ser mais claro do que fui naquelas páginas, realmente as melhores que tenho escrito.

BASTOS - Ah! V. S. também escreve?

PACHECO - Tenho escrito vários artigos de apreciação política.

BASTOS - Eu escrevo em verso; mas nem por isso deixo de sentir prazer, travando conhecimento com V. S..

PACHECO - Oh! senhor.

BASTOS - Mas pense e há de concordar comigo.

PACHECO - Talvez... Eu já disse que sou da política de S. Excia.; e contudo ainda não sei (para falar sempre em Júpiter...), ainda não sei se ele é filho de Júpiter Libertador ou Júpiter Stator; mas já sou da política de S. Excia.; e isto porque sei que, filho de um ou de outro, há de sempre governar na forma indicada pela situação, que é a mesma já prevista nos meus artigos, principalmente o V...

CENA XIII

Os mesmos, Martins

BASTOS - Aí chega S. Excia.

MARTINS - Meus senhores...

SILVEIRA *(apresentando Pereira)* - Aqui o senhor vem convidar-te para jantar com ele.

MARTINS - Ah!

PEREIRA - É verdade; soube da sua nomeação e vim, conforme o coração me pediu, oferecer-lhe uma prova pequena da minha simpatia.

MARTINS - Agradeço a simpatia; mas o boato que correu hoje, desde manhã, é falso... O ministério está completo, sem min.

TODOS - Ah!

MATEUS - Mas quem são os novos?

MARTINS - Não sei.

PEREIRA (à *parte)* - Nada, eu não posso perder um jantar e um compadre.

BASTOS (à *parte)* - E a minha ode? *(A Matheus)* Fica?

MATEUS - Nada, eu vou. *(Aos outros)* Vou saber quem é o novo ministro para oferecer-lhe o meu invento...

BASTOS - Sem incômodo, sem incômodo.

SILVEIRA *(a Bastos e Mateus)* - Esperem um pouco.

PACHECO - E não sabe qual será a política do novo ministério? É preciso saber. Se não for a moderação, está perdido. Vou averiguar isso.

MARTINS - Não janta conosco?

PACHECO - Um destes dias... obrigado... até depois...

SILVEIRA - Mas esperem: onde vão? Ouçam ao menos uma história. É pequena mas conceituosa. Um dia anunciou-se um suplício. Toda gente correu a ver o espetáculo feroz. Ninguém ficou em casa: velhos, moços, homens, mulheres, crianças, tudo invadiu a praça destinada à execução. Mas, porque viesse o perdão à última hora, o espetáculo não se deu e a forca ficou vazia. Mais ainda: o enforcado, isto é, o condenado, foi em pessoa à praça pública dizer que estava salvo e confundir com o povo as lágrimas de satisfação. Houve um rumor geral., depois um grito, mais dez, mais cem, mais mil, romperam de todos os ângulos da praça, e uma chuva de pedras deu ao condenado a morte de que o salvara a real clemência. - Por favor, misericórdia para este *(apontando para Martins).* Não tem culpa nem da condenação, nem da absolvição.

PEREIRA - A que vem isto?

PACHECO - Eu não lhe acho graça alguma!

BASTOS - Histórias da carochinha!

MATEUS - Ora adeus! Boa tarde.

Os OUTROS - Boa tarde.

CENA XIV

Martins e Silveira

MARTINS - Que me dizes a isto?

SILVEIRA - Que hei de dizer! Estavas a surgir... dobraram o joelho: repararam que era uma aurora boreal, voltaram as costas e lá se vão em busca do sol... São especuladores!

MARTINS - Deus te livre destes e de outros...

SILVEIRA - Ah! livra... livra. Afora os incidentes como o de Botafogo... ainda não me arrependi das minhas loucuras, como tu lhes chamas. Um alazão não leva ao poder, mas também não leva á desilusão.

MARTINS - Vamos jantar.

TU, SÓ TU, PURO AMOR

COMÉDIA

PERSONAGENS

CAMÕES

ANTÔNIO DE LIMA

CAMINHA

D. MANUEL DE PORTUGAL

D. CATARINA DE ATAÍDE

D. FRANCISCA DE ARAGÃO

Sala no paço

Tu só, tu, puro amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga...

Camões, *Lusíadas*, 3, CXIX.

O desfecho dos amores palacianos de Camões e de D. Catarina de Ataíde é o objeto da comédia, desfecho que deu lugar à subseqüente aventura de África, e mais tarde à partida para a Índia, donde o poeta devia regressar um dia com a imortalidade nas mãos. Não pretendi fazer uma quadro da corte de D. João II, nem sei se o permitiam as proporções mínimas do escrito e a urgência da ocasião. Busquei sim haver-me de maneira que o poeta fosse contemporâneo de seus amores, não lhe dando feições épicas, e, por assim dizer, póstumas.

Na primeira impressão escrevi uma nota, que reproduzi na segunda, acrescentando-lhe alguma coisa explicativa. Como na cena primeira se trata da anedota que motivou o epigrama de Camões ao duque de Aveiro, disse eu ali que, posto se lhe não possa fixar data, usaria dela por me parecer um curioso rasgo de costumes. E aduzi: "Engana-se, creio eu, o Sr. Teófilo Braga, quando afirma que ela só podia ter ocorrido depois do regresso de Camões a Lisboa, alegando, para fundamentar essa opinião, que o título de duque de Aveiro foi criado em 1557. Digo que se engana o distinto escritor, porque eu encontro o duque de Aveiro, cinco anos antes, 1552, indo receber, na qualidade de embaixador, a princesa d. Joana, noiva do príncipe d. João (Veja Mem. e Doc.

Anexos aos Anéis de d. João III, págs. 440 e 441); e, se Camões só em 1553 partiu para a Índia, não é impossível que o epigrama e o caso que lhe deu origem fossem anteriores.”

Temos ambos razão, o Sr. Teófilo Braga e eu. Com efeito, o ducado de Aveiro só foi criado formalmente em 1557, mas o agraciado usava o título desde muito antes, por mercê de D. João III: é o que confirma a própria carta régia de 30 de agosto daquele ano, textualmente inserta na Hist. Geneal... de d. Antônio Caetano de Souza, que cita em abono da assersão o testemunho de Andrade, na Crônica d’el-rei d, João III. Naquela mesmas obra se lê (liv. IV, cap. V) que em 1551, na transladação dos ossos d’el-rei D, Manuel estivera presente o duque de Aveiro. Não é pois impossível que a anedota ocorresse antes da primeira ausência de Camões.

MACHADO DE ASSIS.

CENA I

CAMINHA, D. MANUEL DE PORTUGAL

(Caminha vem do fundo, da esquerda; vai a entrar pela porta da direita, quando lhe sai Manoel de Portugal, a rir).

CAMINHA - Alegre vindes, senhor D. Manuel de Portugal. Disse-vos El-rei alguma coisa graciosa, de certo...

D. MANUEL - Não; não foi El-rei. Adivinhai o que seria, se é que o não sabeis já.

CAMINHA - Que foi?

D. MANUEL - Sabeis o caso da galinha do duque de Aveiro?

CAMINHA - Não.

D. MANUEL - Não sabeis ? - Pois é isto: uns versos mui galantes do nosso Camões. *(Caminha estremece e faz um gesto de má vontade.)* Uns versos como ele os sabe fazer. *(À parte.)* Doe-lhe a noticia. *(Alto.)* Mas, deveras não sabeis do encontro de Camões com o duque de Aveiro?

CAMINHA - Não.

D. MANUEL - Foi o próprio duque que mo contou agora mesmo, ao vir de estar com El-rei...

CAMINHA - Que houve então?

D. MANUEL - Eu vo-lo digo; achavam-se ontem, na igreja do Amparo, o duque e o poeta...

CAMINHA, *com enfado.* - O poeta! O poeta! Não é mais que engenhar aí uns poucos versos, para ser logo poeta! Desperdiçais o vosso entusiasmo, senhor D. Manuel. Poeta é o nosso Sá, o meu grande Sá! Mas, esse arruador, esse brigão de horas mortas...

D. MANUEL - Parece-vos então...?

CAMINHA - Que esse moço tem algum engenho, muito menos do que lhe diz a presunção dele e a cegueira dos amigos; algum engenho não lhe nego eu. Faz sonetos sofríveis. E canções... Digo-vos que li uma ou duas, não de todo mal alinhavadas. Pois então? Com boa vontade, mais esforço, menos soberba, gastando as noites, não a folgar pelas locandas de Lisboa, mas a meditar os poetas italianos, digo-vos que pode vir a ser...

D. MANUEL - Acabe.

CAMINHA - Está acabado: um poeta sofrível.

D. MANUEL - Deveras? Lembra-me que já isso mesmo lhe negastes.

CAMINHA, *sorrindo.* - No meu epigrama, não? E nego-lho ainda agora, se não fizer o que vos digo. Pareceu-vos gracioso o epigrama? Fi-lo por desenfado, não por ódio... Dizei, que tal vos pareceu ele?

D. MANUEL - Injusto, mas gracioso.

CAMINHA - Sim? Tenho em mui boa conta o vosso parecer. Algum tempo supus que me desdenháveis. Não era impossível que assim fosse. Intrigas da corte dão azo a muita injustiça; mas principalmente acreditei que fossem artes desse rixoso... Juro-vos que ele me tem ódio.

D. MANUEL - O Camões?

CAMINHA - Tem, tem...

D. MANUEL - Por quê?

CAMINHA - Não sei, mas tem. Adeus.

D. MANUEL - Ides-vos?

CAMINHA - Vou a El-rei, e depois ao meu senhor infante. *(Corteja-o e dirige-se para a porta da direita. D. Manuel dirige-se para o fundo.)*

D. Manuel, *andando.*

Eu já vi a taverneiro
vender vaca por carneiro...

CAMINHA, *volta-se.* - Recitais versos?... São vossos?... Não me negueis o gosto de os ouvir.

D. MANUEL - Meus não; são de Camões... (*Repete, descendo a cena.)*

Eu já vi a taverneiro
Vender vaca por carneiro...

CAMINHA, *sarcástico.* - De Camões?... Galantes são. Nem Virgílio os daria melhores. Ora, fazei o favor de repetir comigo:

Eu já vi a taverneiro
Vender vaca por carneiro...

- E depois vá, dizei-me o resto, que não quero perder iguaria de tão fino sabor.

D. MANUEL - O duque de Aveiro e o poeta encontraram-se ontem na igreja do Amparo. O duque prometeu ao poeta mandar-lhe uma galinha de sua mesa, mas só lhe mandou um assado. Camões retorquiu-lhe com estes versos, que o próprio duque me mostrou agora, a rir:

Eu já vi a taverneiro,
Vender vaca por carneiro.
Mas não vi, por vida minha,
vender vaca por galinha,
senão ao duque de Aveiro.

- Confessai, confessai senhor CAMINHA, vós que sois poeta, confessai que há aí certo pico, e uma simpleza de dizer... Não vale tanto de certo como os sonetos dele, alguns dos quais são sublimes, aquele por exemplo:

De amor escrevo, de amor trato e vivo...

ou este

Tanto de meu estado me acho incerto...

- Sabeis a continuação?

CAMINHA - Até lhe sei o fim:

Se me pergunta alguém porque assim ando
respondo que não sei, porém suspeito
que só porque vos vi, minha senhora.

- *(Fitando-lhe muito os olhos.)* Esta senhora... Sabeis vós, de certo, quem é esta senhora do poeta, como eu o sei, como o sabem todos... Naturalmente amam-se ainda muito?

D. Manuel, *à parte.* - Que quererá ele?

CAMINHA - Amam-se por força.

D. MANUEL - Cuido que não.

CAMINHA - Que não?

D. MANUEL - Acabou, como tudo acaba.

CAMINHA, *sorrindo.* - Anda lá; não sei se me dizeis tudo. Amigos sois, e não é impossível que também vós... Onde está a nossa gentil senhora D. Francisca de Aragão?

D. MANUEL - Que tem?

CAMINHA - Vede: um simples nome vos faz estremecer. Mas sossegai, que não sou vosso inimigo; mui ao contrário, amo-vos, e a ela também... e respeito-a muito. Um para o outro nascestes. Mas, adeus, faz-se tarde, vou ter com El-rei. (*Sai pela direita.)*

CENA II

DOM MANUEL DE PORTUGAL

- Este homem!... Este homem!... Como se os versos dele, duros e insossos... *(Vai à porta por onde Caminha saiu e levanta o reposteiro.)* Lá vai ele; vai cabisbaixo; rumina talvez alguma coisa. Que não sejam versos! *(Ao fundo aparecem D. Antônio de Lima e D. Catarina de Ataíde.)*

CENA III

D. MANUEL DE PORTUGAL, D. CATARINA DE ATAÍDE, D. ANTÔNIO DE LIMA

D. ANTÔNIO DE LIMA - Que espreitais aí, senhor D. Manuel.

D. MANUEL - Estava a ver o porte elegante do nosso Caminha. Não vades supor que era alguma dama. *(Levanta o reposteiro.)*Olhai, lá vai ele a desaparecer. Vai a El-rei.

D. ANTÔNIO - Também eu. Tu, não, minha boa Catarina. A rainha espera-te. *(D. Catarina faz uma reverência e caminha para a porta da esquerda.)* Vai, vai, minha gentil flor... *(A D. Manuel.)* Gentil, não a achais?

D. MANUEL - Gentilíssima.

D. ANTÔNIO - Agradece, Catarina.

D. Catarina - Agradeço; mas o certo é que o senhor D. Manuel é rico de louvores...

D. MANUEL - Eu podia dizer que a natureza é que foi conosco pródiga de graças; mas, não digo; seria repetir mal aquilo que só poetas podem dizer bem. *(D. Antônio fecha o rosto.)* Dizem que também sou poeta, é verdade; não sei; faço versos. Adeus, senhor D. Antônio... *(Corteja-os e sai. D. Catarina vai a entrar, à esquerda. D. Antônio detém-na.)*

CENA IV

D. ANTÔNIO DE LIMA, D. CATARINA DE ATAÍDE

D. ANTÔNIO - Ouviste aquilo?

D. Catarina, *parando.* - Aquilo?

D. ANTÔNIO - “Que só poetas podem dizer bem” foram as palavras dele. (*D. Catarina aproxima-se.)* Vês tu, filha? tão divulgadas andam já essas coisas, que até se dizem nas barbas de teu pai!

D. CATARINA - Senhor, um gracejo...

D. ANTÔNIO, *enfadando-se.* - Um gracejo injurioso, que eu não consinto, que não quero, que me doe... Que só poetas podem dizer bem E que é poeta! Pergunta ao nosso Caminha o que é esse atrevido, o que vale a sua poesia... Mas, que seja outra e melhor, não a quero para mim, nem para ti. Não te criei para entregar-te às mãos do primeiro que passa, e lhe dá na cabeça haver-te.

D. CATARINA, *procurando moderá-lo.* - Meu pai...

D. ANTÔNIO - Teu pai e teu senhor!

D. CATARINA - Meu senhor e pai... juro-vos que... Juro-vos que vos quero e muito... Por quem sois, não vos irriteis contra mim!

D. ANTÔNIO - Jura que me obedecerás.

D. CATARINA - Não é essa a minha obrigação?

D. ANTÔNIO - Obrigação é, e a mais grave de todas. Olha-me bem, filha; eu amo-te como pai que sou. Agora, anda, vai.

CENA V

D. ANTÔNIO DE LIMA, D. CATARINA DE ATAÍDE,
D. FRANCISCA DE ARAGÃO

D. ANTÔNIO - Mas não, não vás sem falar à senhora D. Francisca de Aragão, que aí nos aparece, fresca como a rosa que desabotoou agora mesmo, ou, como dizia a farsa do nosso Gil Vicente, que eu ouvi há tantos anos, por tempo do nosso sereníssimo senhor D. Manuel... Velho estou, minha formosa dama...

D. FRANCISCA - E que dizia a farsa?

D. ANTÔNIO - A farsa dizia:

É bonita como estrela,
Uma rosinha de Abril,
Uma frescura de maio,
Tão manhosa.
Tão sutil!

- Vede que a farsa adivinhava já a nossa D. Francisca de Aragão, uma frescura de maio, tão manhosa, tão sutil...

D. FRANCISCA - Manhosa, eu?

D. ANTÔNIO - E sutil. Não vos esqueça a rima, que é de lei. (*Vai a sair pela porta da direita; aparece Camões.)*

CENA VI

OS MESMOS, CAMÕES

D. CATARINA, *à parte.* - Ele!

D. FRANCISCA, *baixo a D. Catarina.* - Sossegai!

D. ANTÔNIO - Vinde cá, senhor poeta das galinhas. Já me chegou aos ouvidos o vosso lindo epigrama. Lindo, sim; e estou que não vos custaria mais tempo a fazê-lo do que eu a dizer-vos

que me divertiu muito... E o duque? O duque, ainda não emendou a mão? Há de emendar, que não é nenhum mesquinho.

CAMÕES, *alegremente.* - Pois El-rei deseja o contrário...

D. ANTÔNIO - Ah! Sua Alteza falou-vos disso?... Contar-mo-eis em tempo. *(A D. Catarina, com intenção).* Minha filha e senhora, não ides ter com a rainha? Eu vou falar a El-rei. *(D. Catarina corteja-os e dirige-se para a esquerda; D. Antônio sai pela direita.)*

CENA VII

OS MESMOS, menos D. ANTÔNIO DE LIMA

(D. Catarina quer sair, D. Francisca de Aragão detém-na.)

D. FRANCISCA - Ficai, ficai...

D. CATARINA - Deixe-me ir!

CAMÕES - Fugis de mim?

D. CATARINA - Fujo... Assim o querem todos.

CAMÕES - Todos quem?

D. FRANCISCA, *indo a Camões.* - Sossegai. Tendes, na verdade, um gênio, uns espíritos... Que há de ser? Corre a mais e mais a notícia dos vossos amores... e o senhor D. Antônio, que é pai, e pai severo...

CAMÕES, *vivamente a D. Catarina.* - Ameaça-vos?

D. CATARINA - Não; dá-me conselhos... bons conselhos, meu Luís. Não vos quer mal, não quer... Vamos lá; eu é que sou desatinada. Mas passou. Dizei-nos lá esses versos de que faláveis

há pouco. Um epigrama, não é? Há de ser tão bonito como os outros... menos um.

CAMÕES - Um?

D. CATARINA - Sim, o que fizestes a D. Guiomar de Blasfé.

CAMÕES, *com desdém.* - Que monta? Bem frouxos versos.

D. FRANCISCA - Não tanto; mas eram feitos a D. Guiomar, e os piores versos deste mundo são os que se fazem a outras damas. *(A D. Catarina.)* Acertei? *(A Camões.)* Ora, andai, vou deixar-vos; dizei o caso do vosso epigrama, não a mim, que já o sei de cor, porém a ela que ainda não sabe nada... E que foi que vos disse El-rei?

CAMÕES - El-rei viu-me, e dignou-se chamar-me; fitou-me um pouco a sua real vista, e disse com brandura: - «Tomara eu, senhor poeta, que todos os duques vos faltem com galinhas, por que assim nos alegrareis com versos tão chistosos.

D. FRANCISCA - Disse-vos isto? é um grande espírito El-rei!

D. CATARINA, *a D. Francisca.* - Não é? *(A Camões.)* E vós que lhe dissestes?

CAMÕES - Eu? nada... ou quase nada. Era tão inopinado louvor que me tomou a fala. E, contudo, se eu pudesse responder agora... agora que recobrei os espíritos... dir-lhe-ia que há aqui *(leva a mão à fronte)* alguma coisa mais do que simples versos de desenfado... dir-lhe-ia que... (*Fica absorto um instante, depois olha alternadamente para as duas damas, entre as quais se acha.)* Um sonho... às vezes cuido conter cá dentro mais do que a minha vida e o meu século... Sonhos... sonhos! A realidade é que vós sois as duas mais lindas damas da cristandade, e que o amor é a alma do universo!

D. FRANCISCA - O amor e a espada, senhor brigão!

CAMÕES, *alegremente.* - Por que me não dais logo as alcunhas que me hão de ter posto os poltrões do Rocio? Vingam-se com isso, que é a desforra da poltroneria... Não sabeis? Naturalmente não; vós gastais as horas nos lavores e recreios do paço; mora aqui a doce paz do espírito.

D. CATARINA, c*om intenção.* - Nem sempre.

D. FRANCISCA - Isto é convosco; e eu, que posso ser indiscreta, não me detenho a ouvir mais nada. *(Dá alguns passos para ofundo.)*

D. CATARINA - Vinde cá...

D. FRANCISCA - Vou-me... vou a consolar o nosso Caminha, que há de estar um pouco enfadado... Ouviu ele o que El-rei vos disse?

CAMÕES - Ouviu; que tem?

D. FRANCISCA - Não ouviria de boa sombra.

CAMÕES - Pode ser que não... dizem-me que não. *(A D. Catarina.)* Pareceis inquieta...

D. CATARINA, *a D. Francisca.* - Não, não vades; ficai um instante.

CAMÕES, a *D. Francisca.* - Irei eu.

D. FRANCISCA - Não, senhor; irei eu só. *(Sai pelo fundo.)*

CENA VIII

CAMÕES, D. CATARINA DE ATAÍDE

CAMÕES, *com uma reverência.* - Irei eu. Adeus, minha senhora D. Catarina de Ataíde! *(D. Catarina dá um passo para ele.)*Mantenha-vos Deus na sua santa guarda.

D. CATARINA - Não... vinde cá... *(Camões detém-se.)* Enfadei-vos? Vinde um pouco mais perto. *(Camões aproxima-se.)* Que vos fiz eu? Duvidais de mim?

CAMÕES - Cuido que me quereis ausente.

D. CATARINA - Luís! (*Inquieta.*) Vede esta sala, estas paredes... falarmos a sós... Duvidais de mim?

CAMÕES - Não duvido de vós; não duvido da vossa ternura: da vossa firmeza é que eu duvido.

D. CATARINA - Receiais que fraqueie algum dia?

CAMÕES - Receio; chorareis muitas lágrimas, muitas e amargas... mas, cuido que fraqueareis.

D. CATARINA - Luís! juro-vos...

CAMÕES - Perdoai, se vos ofende esta palavra. Ela é sincera: subiu-me do coração à boca. Não posso guardar a verdade; perder-me-ei algum dia por dizê-la sem rebuço. Assim me fez a natureza; assim irei à sepultura.

D. CATARINA - Não, não fraquearei, juro-vos. Amo-vos muito, bem o sabeis. Posso chegar a afrontar tudo, até a cólera de meu pai. Vede lá, estamos a sós; se nos vira alguém... (*Camões dá um passo para sair.*) Não, vinde cá. Mas, se nos vira alguém, defronte um do outro, no meio de uma sala deserta, que pensaria? Não sei que pensaria; tinha medo há pouco, já não tenho medo... amor sim... O que eu tenho é amor, meu Luís.

CAMÕES - Minha boa Catarina.

D. CATARINA - Não me chameis boa, que eu não sei se o sou... Nem boa, nem má.

CAMÕES - Divina sois

D. CATARINA - Não me deis nomes que são sacrilégios.

CAMÕES - Que outro vos cabe?

D. CATARINA - Nenhum.

CAMÕES - Nenhum? - Simplesmente a minha doce e formosa senhora D. Catarina de Ataíde, uma ninfa do paço, que se lembrou de amar um triste escudeiro, sem se lembrar que seu pai a guarda para algum solar opulento, algum grande cargo de camareira-mor. Tudo isso havereis, enquanto que o coitado de Camões irá morrer em África ou Ásia...

D. CATARINA - Teimoso sois! Sempre essas idéias de África...

CAMÕES - Ou Ásia. Que tem isso? Digo-vos que, às vezes, a dormir, imagino lá estar, longe dos galanteios da corte, armado em guerra, diante do gentio. Imaginai agora...

D. CATARINA - Não imagino nada; vós sois meu, tão só meu, tão-somente meu. Que me importa o gentio, ou o Turco, ou que quer que é, que não sei, nem quero? Tinha que ver, se me deixáveis, para ir às vossas Áfricas... E os meus sonetos? Quem mos havia de fazer, meu rico poeta?

CAMÕES - Não faltará quem vo-los faça, e da maior perfeição.

D. CATARINA - Pode ser; mas eu quero-os ruins, como os vossos... como aquele da Circe, o meu retrato, dissestes vós.

CAMÕES, *recitando.*

Um mover de olhos, brando e piedoso.
Sem ver de que; um riso brando e honesto,
Quase forçado um doce e humilde gesto
De qualquer alegria duvidoso...

D. CATARINA - Não acabeis, que me obrigareis a fugir de vexada.

CAMÕES - De vexada! Quando é que a rosa se vexou, por que o sol a beijou de longe?

D. CATARINA - Bem respondido, meu claro sol.

CAMÕES - Deixai-me repetir que sois divina. Natércia minha, pode a sorte separar-nos, ou a morte de um ou de outro; mas o amor subsiste, longe ou perto, na morte ou na vida, no mais baixo estado, ou no cimo das grandezas humanas, não é assim? Deixai-me crê-lo, ao menos; deixai-me crer que há um vínculo secreto e forte, que nem os homens, nem a própria natureza poderia já destruir. Deixai-me crer... Não me ouvis?

D. CATARINA - Ouço, ouço.

CAMÕES - Crer que a última palavra de vossos lábios será o meu nome. Será? Tenha eu esta fé, e não se me dará da adversidade; sentir-me-ei afortunado e grande. Grande, ouvis bem? Maior que todos os demais homens.

D. CATARINA - Acabai!

CAMÕES - Que mais?

D. CATARINA - Não sei; mas é tão doce ouvir-vos! Acabai, acabai, meu poeta! Ou antes, não, não acabeis; falai sempre, deixai-me ficar perpetuamente a escutar-vos.

CAMÕES - Ai de nós! A perpetuidade é um simples instante, um instante em que nos deixam sós nesta sala! *(D. Catarina afasta-se rapidamente.)* Olhai; só a idéia do perigo vos arredou de mim.

D. CATARINA - Na verdade, se nos vissem... Se alguém aí, por esses reposteiros... Adeus...

CAMÕES - Medrosa, eterna medrosa!

D. CATARINA - Pode ser que sim; mas não está isso mesmo no meu retrato?

Um encolhido ousar, uma brandura,
Um medo sem ter culpa; um ar sereno,
Um longo e obediente sofrimento...

CAMÕES -

Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o mágico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.

D. CATARINA, *indo a ele.* - Pois então? A vossa Circe manda-vos que não duvideis dela, que lhe perdoeis os medos, tão próprios do lugar e da condição; manda-vos crer e amar. Se ela às vezes foge, é porque a espreitam; se vos não responde, éporque outros ouvidos poderiam escutá-la. Entendeis? É o que vos manda dizer a vossa Circe, meu poeta... e agora...*(Estende-lhe a mão.)* Adeus!

CAMÕES - Ides-vos?

D. CATARINA - A rainha espera-me. Audazes fomos, Luís. Não desafiemos o paço... que esses reposteiros...

CAMÕES - Deixa-me ir ver!

D. CATARINA, *detendo-o.* - Não, não. Separemo-nos.

CAMÕES - Adeus! *(D. Catarina dirige-se para a porta da esquerda; Camões olha para a porta da direita.)*

D. CATARINA - Andai, andai!

CAMÕES - Um instante ainda!

D. CATARINA - Imprudente! Por quem sois, ide-vos meu Luís!

CAMÕES - A rainha espera-vos?

D. CATARINA - Espera.

CAMÕES - Tão raro é ver-vos!

D. CATARINA - Não afrontemos o céu... podem dar conosco...

CAMÕES - Que venham! Tomara eu que nos vissem! Bradaria a todos o meu amor, e a que o faria respeitar!

D. CATARINA, *aflita pegando-lhe na mão.* - Reparai, meu Luís, reparai onde estais, quem eu sou, o que são estas paredes... domai esse gênio arrebatado, peço-vo-lo eu. Ide-vos em boa paz, sim?

CAMÕES - Viva a minha corça gentil, a minha tímida corça! Ora vos juro que me vou, e de corrida. Adeus!

D. CATARINA - Adeus!

CAMÕES, com a mão dela presa. - Adeus

D. CATARINA - Ide... deixai-me ir!

CAMÕES - Hoje há luar; se virdes um embuçado diante das vossas janelas, quedado a olhar para cima, desconfiai que sou eu; e então, já não é o sol a beijar de longe uma rosa, é o goivo que pede calor a uma estrela.

D. CATARINA - Cautela, não vos reconheçam.

CAMÕES - Cautela haverei; mas, que me reconheçam, que tem isso? embargarei a palavra ao importuno.

D. CATARINA - Sossegai. Adeus!

CAMÕES - Adeus!

(D. Catarina dirige-se para a porta da esquerda, e pára diante dela, à espera que Camões saia. Camões corteja-a com um gesto gracioso, e dirige-se para o fundo. - Levanta-se o reposteiro da porta da direita, e aparece Caminha. - D. Catarina dá um

pequeno grito, e sai precipitadamente. - Camões detém-se. Os dois homens olham-se por um instante.)

CENA IX

CAMÕES, CAMINHA

CAMINHA, *entrando.* - Discreteáveis com alguém, ao que parece...

CAMÕES - É verdade.

CAMINHA - Ouvi de longe a vossa fala, e reconheci-a. Vi logo que era o nosso poeta, de quem tratava há pouco com alguns fidalgos. Sois o bem-amado, entre os últimos de Coimbra. - Com que, discreteáveis... Com alguma dama?

CAMÕES - Com uma dama.

CAMINHA - Certamente formosa, que não as há de outra casta nestes reais paços. Sua Alteza cuido que continuará, e ainda em bem, algumas boas tradições de El-rei seu pai. Damas formosas, e, quanto possível, letradas. São estes, dizem, os bons costumes italianos. É vós, senhor Camões, por que não ides à Itália?

CAMÕES - Irei à Itália, mas passando por África.

CAMINHA - Ah! Ah! para lá deixar primeiro um braço, uma perna, ou um olho... Não, poupai os olhos, que são o feitiço dessas damas da corte; poupai também a mão, com que nos haveis de escrever tão lindos versos; isto vos digo que poupai...

CAMÕES - Uma palavra, senhor Pero de Andrade. Uma só palavra, mas sincera.

CAMINHA - Dizei.

CAMÕES - Dissimulais algum outro pensamento. Revelai-mo... intimo-vos que mo reveleis.

CAMINHA - Ide à Itália, senhor Camões, ide à Itália.

CAMÕES - Não resistireis muito tempo ao que vos mando.

CAMINHA - Ou à África, se o quereis... ou à Babilônia... À Babilônia melhor; levai a harpa do desterro, mas em vez de a pendurar de um salgueiro, como na Escritura, cantar-nos-eis a linda copla da galinha, ou comporeis umas outras voltas ao mote, que já vos serviu tão bem:

Perdigão perdeu a pena,

Não há mal que lhe não venha.

Ide à Babilônia, senhor Perdigão!

CAMÕES, *pegando-lhe no pulso.* - Por vida minha, calai-vos!

CAMINHA - Vede o lugar em que estais.

CAMÕES, *solta-o.* - Vejo; vejo também quem sois; só não vejo o que odiais em mim.

CAMINHA - Nada.

CAMÕES - Nada?

CAMINHA - Coisa nenhuma.

CAMÕES - Mentis pela gorja, senhor camareiro.

CAMINHA - Minto? Vede lá; ia-me deixando arrebatar, ia conspurcando com alguma vilania esta sala de El-rei. Retraí-me a tempo. Menti, dizeis vós? - Pode ser que sim, porque eu creio que efetivamente vos odeio, mas só há um instante, depois que me pagastes com uma injúria o aviso que vos dei.

CAMÕES - Um aviso?

CAMINHA - Nada menos. Queria eu dizer-vos que as paredes do paço nem são mudas, nem sempre são caladas.

CAMÕES - Não serão; mas eu as farei caladas.

CAMINHA - Pode ser. Essa dama era...?

CAMÕES - Não reparei bem.

CAMINHA - Fizestes mal; é prudência reparar nas damas; prudência e cortesia. Com que, ides à África? Lá estão os nossos em Mazagão, cometendo façanhas contra essa canalha de Mafamede; imitai-os. Vede, não deixeis lá esse braço, com que nos haveis de calar as paredes os reposteiros. É conselho de amigo.

CAMÕES - Por que sereis meu amigo?

CAMINHA - Não digo que o seja; o conselho é que o é.

CAMÕES - Credes, então...?

CAMINHA - Que poupareis uma grande dor e um maior escândalo.

CAMÕES - Percebo-vos. Imaginais que amo alguma dama? Suponhamos que sim. Qual é o meu delito? Em que ordenação, em que rescrito, em que bula, em que escritura, divina ou humana, foi já dado como delito amarem-se duas criaturas?

CAMINHA - Deixai a corte.

CAMÕES - Digo-vos que não.

CAMINHA - Oxalá que não!

CAMÕES, *à parte.* - Este homem... que há neste homem? Lealdade ou perfídia? *(Alto.)* Adeus, senhor Caminha. *(Pára no meio da cena).* Por que não tratamos de versos?... Fora muito melhor...

CAMINHA. - Adeus, senhor Camões. (*Camões sai.)*

CENA X

CAMINHA, *logo* D. CATARINA DE ATAÍDE

CAMINHA - Ide ide, magro poeta de camarins... *(Desce ao proscênio.)* Era ela, de certo, era ela que aí estava com ele, no meio do paço, esquecidos de El-rei e de todos... Oh temeridade do amor! Do amor? ele... ele... Mas seria ela deveras?... Que outra podia ser?

D. CATARINA, *espreita e entra.* - Senhor... senhor...

CAMINHA - Ela!

D. CATARINA - Ouvi tudo... tudo o que lhe dissestes... e peço-vos que não nos façais mal. Sois amigo de meu pai, ele é vosso amigo; não lhe digais nada. Fui imprudente, fui, mas que quereis? *(Vendo que Caminha não diz nada.)* Então? falai... poderei contar convosco?

CAMINHA - Comigo? *(D. Catarina inquieta, aflita, pega-lhe na mão; ele retira-lha com aspereza.)* Contar comigo! para que, minha senhora D. Catarina? Amais um mancebo digno, por que vós o amais... muito, não?

D. CATARINA - Muito.

CAMINHA - Muito, dizeis... E éreis vós que estáveis aqui, com ele, nesta sala solitária, juntos um do outro, a falarem naturalmente do céu e da terra... ou só do céu, que é a terra dos namorados. Que dizeis?...

D. CATARINA, *baixando os olhos.* - Senhor...

CAMINHA - Galanteios, galanteios, de que se há de falar lá fora... *(Gesto de D. Catarina.)* Ah! cuidais que estes amores nascem e morrem no paço? - Não; passam além; descem à rua, são o mantimento dos ociosos e ainda dos que trabalham, porque, ao serão, principalmente nas noites de inverno, em que se há de

ocupar a gente, depois de fazer as suas orações? Com que, éreis vós? Pois digo-vos que o não sabia; suspeitava, porque não podia talvez ser outra... E confessais que lhe quereis muito. Muito?

D. CATARINA - Pode ser fraqueza; mas crime...onde está o crime?

CAMINHA - O crime está em desonrar as cãs de um nobre homem, arrastando-lhe o nome por vielas e praças; o crime está em escandalizar a corte, com essas ternuras, impróprias do alto cargo que exerceis, do vosso sexo e estado... esse é o crime. E parece-vos pequeno?

D. CATARINA - Bem; desculpai-me, não direis nada...

CAMINHA - Não sei.

D. CATARINA - Peço-vos... de joelhos até... *(Faz um gesto para ajoelhar-se, ele impede-lho.)*

CAMINHA - Perderieis o tempo; eu sou amigo de vosso pai.

D. CATARINA - Contar-lhe-eis tudo?

CAMINHA - Talvez.

D. CATARINA - Bem mo diziam sempre; sois inimigo de Camões.

CAMINHA - E sou.

D. CATARINA - Que vos fez ele?

CAMINHA - Que me fez? *(Pausa.)* D. Catarina de Ataíde, quereis saber o que me fez o vosso Camões? Não é só a sua soberba que me afronta; fosse só isso, e que me importava um frouxo cerzidor de palavras, sem arte nem conceito?

D. CATARINA - Acabai.

CAMINHA - Também não é porque ele vos ama, que eu o odeio; mas vós, senhora D. Catarina de Ataíde, vós o amais... eis o crime de Camões. Entendeis?

D. Catarina, *depois de um instante de assombro.* - Não quero entender.

CAMINHA - Sim, que também eu vos quero, ouvis? - E quero-vos muito... mais do que ele, e melhor do que ele; porque o meu amor tem o impulso do ódio, nutre-se do silêncio, o desdém o avigora, e não faço alarde nem escândalo; é um amor...

D. CATARINA - Calai-vos! Pela Virgem, calai-vos!

CAMINHA - Que me cale? Obedecerei. *(Faz uma reverência.)* Mandais alguma outra coisa?

D. CATARINA - Não, ficai, ficai. Jurai-me que não direis nada...

CAMINHA - Depois da confissão que vos fiz, esse pedido chega a ser mofa. Que não diga nada? Direi tudo, revelarei tudo a vosso pai. Não sei se a ação é má ou boa; sei que vos amo, e que detesto esse rufião, a quem vadios deram foros de letrado.

D. CATARINA - Senhor! É demais!

CAMINHA - Defendei-o, não é assim?

D. CATARINA - Odiai-o, se vos apraz; insulta-o, é que não é de cavaleiro...

CAMINHA - Que tem? O amor desprezado sangra e fere.

D. CATARINA - Deixai que lhe chame um amor vilão.

CAMINHA - Sois vós agora que me injuriais. Adeus, senhora D. Catarina de Ataíde! *(Dirige-se para o fundo.)*

D. CATARINA, *tomando-lhe o passo.* - Não! Agora não vos peço... intimo-vos que vos caleis.

CAMINHA - Que recompensa me dais?

D. CATARINA - A vossa consciência.

CAMINHA - Deixai em paz os que dormem. Quereis que vos prometa alguma coisa? Uma só coisa prometo; não contar a vosso

pai o que se passou. Mas, se por denúncia ou desconfiança, for interrogado por ele, então lhe direi tudo. E duas vezes farei bem: - não faltarei à verdade, que é dever de cavaleiro; e depois... chorareis lágrimas de sangue; e eu prefiro ver-vos chorar a ver-vos sorrir. A vossa angústia será a minha consolação. Onde falecerdes de pura saudade, ai me glorificarei eu. Chamai-me agora perverso, se o quereis; eu respondo que vos amo, e que não tenho outra virtude. *(Vai a sair, encontra-se com D. Francisca de Aragão; corteja-a e sai.)*

CENA XI

D. CATARINA DE ATAÍDE, D. FRANCISCA DE ARAGÃO

D. FRANCISCA - Vai afrontado o nosso poeta. Que terá ele? *(Reparando em D. Catarina.)* Que tendes vós? Que foi?

D. CATARINA - Tudo sabe.

D. FRANCISCA - Quem?

D. CATARINA - Esse homem. Achou-nos nesta sala; eu tive medo; disse-lhe tudo.

D. FRANCISCA - Imprudente!

D. CATARINA - Duas vezes imprudente; deixei-me estar ao lado do meu Luís, a ouvir-lhe as palavras tão nobres, tão apaixonadas... e o tempo corria... e podiam espreitar-nos... Credes que o Caminha diga alguma coisa a meu pai?

D. FRANCISCA - Talvez não.

D. CATARINA - Quem sabe? Ele ama-me.

D. FRANCISCA - O Caminha?

D. CATARINA - Disse-mo agora. Que admira? Acha-me formosa, como os outros. Triste dom é esse. Sou formosa para não ser feliz, para ser amada às ocultas, odiada às escancaras, e, talvez... Se meu pai vier a saber... que fará ele, amiga minha?

D. FRANCISCA - O senhor D. Antônio é tão severo!

D. CATARINA - Irá ter com El-rei, pedir-lhe-á que o castigue, que o encarcere, não? E por minha causa... Não; primeiro irei eu... *(Dirige-se para a porta da direita.)*

D. FRANCISCA - Onde ides?

D. CATARINA - Vou falar a El-rei... Ou, não... (*Encaminha-se para a porta da esquerda.)* Vou ter com a rainha; contar-lhe-ei tudo; ela me amparará. Credes que não?

D. FRANCISCA - Creio que sim.

D. CATARINA - Irei, ajoelhar-me-ei a seus pés. Ela é rainha, mas é também mulher... e ama-me. (*Sai pela esquerda.)*

CENA XII

D. FRANCISCA DE ARAGÃO, D. ANTÔNIO DE LIMA,

depois, D. MANUEL DE PORTUGAL

D. FRANCISCA, *depois de um momento de reflexão.* - Talvez chegue cedo demais. *(Dá um passo para a porta da esquerda.)* Não; melhor é que lhe fale... mas, se se aventa a notícia? Meu Deus, não sei... não sei... Ouço passos... Entra D. Antônio de Lima.Ah!

D. ANTÔNIO - Que foi?

D. FRANCISCA - Nada, nada... não sabia quem era. Sois vós... (*Risonha.)* Chegaram galeões da Ásia; boas notícias, dizem...

D. ANTÔNIO - Eu não ouvi dizer nada. *(Querendo retirar-se.)* Permitis?...

D. FRANCISCA - Jesus! Que tendes? Que ar é esse? *(Vendo entrar D. Manuel de Portugal.)* Vinde cá, senhor D. Manuel de Portugal, vinde saber o que tem este meu bom e velho amigo, que me não quer... *(Segurando na mão de D. Antônio).* Então, eu já não sou a vossa frescura de maio?

D. ANTÔNIO, s*orrindo a custo.* - Sois, sois. Manhosamente sutil, ou sutilmente manhosa, à escolha; eu é que sou uma triste secura de dezembro, que me vou e vos deixo. Permitis, não? *(Corteja-a e dirige-se para a porta.)*

D. MANUEL, *interpondo-se.* - Deixai que vos levante o reposteiro. *(Levanta o reposteiro.)* Ides ter com Sua Alteza, suponho?

D. ANTÔNIO - Vou.

D. MANUEL - Ides levar-lhe notícias da Índia?

D. ANTÔNIO - Sabeis que não é o meu cargo...

D. MANUEL - Sei, sei; mas dizem que... Senhor D. Antônio, acho-vos o rosto anuviado, alguma coisa vos penaliza ou turva. Sabeis que sou vosso amigo; perdoai se vos interrogo. Que foi? Que há?

D. ANTÔNIO, *gravemente.* - Senhor D. Manuel, tendes vinte e sete anos, eu conto sessenta; deixai-me passar. *(D. Manuel inclina-se, levantando o reposteiro. D. Antônio desaparece.)*

CENA XIII

D. MANUEL DE PORTUGAL, D. FRANCISCA DE ARAGÃO

D. MANUEL - Vai dizer tudo a El-rei.

D. FRANCISCA - Credes?

D. MANUEL - Camões contou-me o encontro que tivera com o Caminha aqui; eu ia falar ao senhor D. Antônio; achei-o agora mesmo, ao pé de uma janela, com o dissimulado Caminha, que lhe dizia: "Não vos nego, senhor D. Antônio, que os achei naquela sala, a sós e que vossa filha fugiu desde que eu lá entrei."

D. FRANCISCA - Ouvistes isso?

D. MANUEL - D. Antônio ficou severo e triste. “Querem escândalo?...” foram as suas palavras. E não disse outras; apertou a mão ao Caminha, e seguiu para cá... Penso que foi pedir alguma coisa a El-rei. Talvez o desterro.

D. FRANCISCA - O desterro?

D. MANUEL - Talvez. Camões há de voltar agora aqui; disse-me que viria falar ao senhor D. Antônio. Para quê? Que outros lhe falem, sim; mas o meu Luís que não sabe conter-se... D. Catarina?

D. FRANCISCA - Foi lançar-se aos pés da rainha, a pedir-lhe proteção.

D. MANUEL - Outra imprudência. Foi há muito?

D. FRANCISCA - Pouco há.

D. MANUEL - Ide ter com ela, se é tempo, dizei-lhe que não, que não convém falar nada. *(D. Francisca vai a sair, e pára)*Recusais?

D. FRANCISCA - Vou, vou. Pensava comigo uma coisa. *(D. Manuel vai a ela.)* Pensava que é preciso querer muito aqueles dois para nos esquecermos assim de nós.

D. MANUEL - É verdade. E não há mais nobre motivo da nossa mútua indiferença. Indiferença, não; não o é, nem o podia ser nunca. No meio de toda essa angústia que nos cerca, poderia eu esquecer a minha doce Aragão? Poderieis vós esquecer-me. Ide agora, nós que somos felizes, temos o dever de consolar os desgraçados. *(D. Francisca sai pela esquerda.)*

CENA XIV

D. MANUEL DE PORTUGAL, *logo* D. ANTÔNIO DE LIMA

D. MANUEL - Se perco o confidente dos meus amores, da minha mocidade, o meu companheiro de longas horas... Não é impossível. - El-rei concederá o que lhe pedir D. Antônio. A culpa, - força é confessá-lo, - a culpa é dele, do meu Camões, do meu impetuoso poeta; um coração sem freio... (*Abre-se o reposteiro, aparece D. Antônio.)* D. Antônio!

D. ANTÔNIO, *da porta, jubiloso.* - Interrogastes-me há pouco; agora hei tempo de vos responder.

D. MANUEL - Talvez não seja preciso.

D. ANTÔNIO, *adianta-se* - Adivinhais então?

D. MANUEL - Pode ser que sim.

D. ANTÔNIO - Creio que adivinhais.

D. MANUEL - Sua Alteza concedeu-vos o desterro de Camões.

D. ANTÔNIO - Esse é o nome da pena: a realidade é que Sua Alteza restituiu a honra a um vassalo, e a paz a um ancião.

D. MANUEL - Senhor D. Antônio...

D. ANTÔNIO - Nem mais uma palavra, senhor D. Manuel de Portugal, nem mais uma palavra. - Mancebo sois; é natural que vos ponhais do lado do amor; eu sou velho, e a velhice ama o

respeito. Até à vista, senhor D. Manuel, e não turveis o meu contentamento. *(Dá um passo para sair.)*

D. MANUEL - Se matais vossa filha?

D. ANTÔNIO - Não a matarei. Amores fáceis de curar são esses que aí brotam no meio de galanteios e versos. Versos curam tudo. Só não curam a honra os versos; mas para a honra dá Deus um rei austero, em pai inflexível... Até à vista, senhor D. Manuel. *(Sai pela esquerda.)*

CENA XV

D. MANUEL DE PORTUGAL, *logo* CAMÕES

D. MANUEL - Perdido... está tudo perdido.*(Camões entra pelo fundo.)* Meu pobre Luís! Se soubesses...

CAMÕES - Que há?

D. MANUEL - El-rei... El-rei atendeu às súplicas do senhor D. Antônio. Está tudo perdido.

CAMÕES - E que pena me cabe?

D. MANUEL - Desterra-vos da corte.

CAMÕES - Desterrado! Mas eu vou ter com Sua Alteza, eu direi...

D. MANUEL, *aquietando-o.* - Não direis nada; não tendes mais que cumprir a real ordem; deixai que os vossos amigos façam alguma coisa; talvez logrem abrandar o rigor da pena. Vós não fareis mais do que agravá-la.

CAMÕES - Desterrado! E para onde?

D. MANUEL - Não sei. Desterrado da corte é o que é certo. Vede... não há mais demorar no paço. Saiamos.

CAMÕES - Aí me vou eu, pois, caminho do desterro, e não sei se da miséria! Venceu então o Caminha? Talvez os versos dele fiquem assim melhores. Se nos vai dar uma nova *Eneida,* o Caminha? Pode ser, tudo pode ser... Desterrado da corte! Cá me ficam os melhores dias, e as mais fundas saudades. Crede, senhor D. Manuel, podeis crer que as mais fundas saudades cá me ficam.

D. MANUEL - Tornareis, tornareis...

CAMÕES - E ela? Já o saberá ela?

D. MANUEL - Cuido que o senhor D. Antônio foi dizer-lho em pessoa. Deus! Aí vem eles.

CENA XVI

OS MESMOS, D. ANTÔNIO DE LIMA, D. CATARINA DE ATAÍDE

D. Antônio aparece à porta da esquerda, *trazendo D. Catarina pela mão. - D. Catarina vem profundamente abatida.*

D. CATARINA, *à parte, vendo Camões.* - Ele! Dai-me força, meu Deus! *(D. Antônio corteja os dois, e segue na direção do fundo. Camões dá um passo para falar-lhe, mas D. Manuel contém-no. D. Catarina, prestes a sair, volve a cabeça para trás.)*

CENA XVII

D. MANUEL DE PORTUGAL, CAMÕES

CAMÕES - Ela aí vai... talvez para sempre... Credes que para sempre?

D. MANUEL - Não. Saiamos!

CAMÕES - Vamos lá; deixemos estas salas que tão funestas me foram. *(Indo ao fundo e olhando para dentro.)* Ela aí vai, a minha estrela, aí vai a resvalar no abismo, de onde não sei se a levantarei mais... Nem eu... *(Voltando-se para D. Manuel.)*Nem vós, meu amigo, nem vós que me quereis tanto, ninguém.

D. MANUEL - Desanimais depressa, Luís. Por que ninguém?

CAMÕES - Não saberia dizer-vos; mas sinto-o aqui no coração. Essa clara luz, essa doce madrugada da minha vida, apagou-se agora mesmo, e de uma vez.

D. MANUEL - Confiai em mim, nos meus amigos, nos vossos amigos. Irei ter com eles; induzi-los-ei a....

CAMÕES - A quê? A mortificarem um camareiro-mor, a fim de servir um triste escudeiro que já estará a caminho de África?

D. MANUEL - Ides à África?

CAMÕES - Pode ser; sinto umas tonteiras africanas. Pois que me fecham a porta dos amores, abrirei eu mesmo as da guerra. Irei lá pelejar, ou não sei se morrer... África, disse eu? Pode ser que Ásia também, ou Ásia só; o que me der na imaginação.

D. MANUEL - Saiamos.

CAMÕES - E agora, adeus, infiéis paredes; sede ao menos com passivas; guardai-ma, guardai-ma bem, a minha formosa D. Catarina! (*A D. Manuel.)* Credes que tenho vontade de chorar?

D. MANUEL - Saiamos, Luís!

CAMÕES - Eu não choro, não; não choro... não quero... *(Forcejando por ser alegre.)* Vedes? até rio! Vou-me para bem longe. Considerando bem, Ásia é melhor; lá rematou a audácia lusitana o seu edifício, lá irei escutar o rumor dos passos do nosso Vasco. E este sonho, esta quimera, esta coisa que me flameja cá dentro, quem sabe se... Um grande sonho, senhor D. Manuel... Vede lá, ao longe, na imensidade desses mares, nunca dantes navegados, uma figura rútila, que se debruça dos balcões da aurora, coroada de palmas indianas? É a nossa glória, é a nossa glória que alonga os olhos, como a pedir o seu esposo ocidental. E nenhum lhe vai dar o ósculo que a fecunde; nenhum filho desta terra, nenhum que empunhe a tuba da imortalidade, para dizê-la aos quatro ventos do céu... Nenhum... *(Vai amortecendo a voz.)* Nenhum... *(Pausa, fita D. Manuel, como se acordasse, e dá de ombros.)* Uma grande quimera, senhor D. Manuel. Vamos ao nosso desterro.

Freeditorial